

Florentino Dick Kassotche

INVENTÁRIO PASSIONAL

Papiro Editora

2009

FICHA TÉCNICA

Título	Inventário Passional
Autor	Florentino Dick Kassotche
Editor	Papiro Editora Porto Rua de Santa Catarina nº 489 4000-452 Porto t. 220 103 900 f. 220 103 999 e. info@papiroeditora.com
Ano de Edição	Junho 2009
Coordenação Editorial	Papiro Editora Sandra Macedo
Coordenação Gráfica	Fólio Design Miguel Paulo
Design	Fólio Design Miguel Paulo
Distribuição	BUK Distribuição telefone: 220 103 900
ISBN	000000
Depósito Legal	

Inventário Passional

À minha filha Karina Wa-mwai,
uma menina com olhinhos de poetisa, por me lembrar, todas as
noites que chegasse a casa, que ‘papá’ precisava de uma caneta e um
papel para escrevinhar. E no fim de contas, era ela que riscava o pa-
pel com enigmáticos desenhos e letras, transmitindo mensagens do
mundo dos homens adultos que cabiam no seu imaginário infantil.

Na realidade o gostar não começa na cabeça ou no peito mas cá mais para o sul, que é aliás onde acaba todo o gostar mais a norte.

Vergílio Ferreira
in 'Na tua face'

As pessoas confundem sempre o homem com o artista, pois o destino uniu-os no mesmo corpo.

Jules Renard.

PREFÁCIO

A singularidade do amor

Uma das funções da literatura é a representação das paixões, a outra a representação do poder. Podemos dizer que o livro de Florentino Dick Kassotche acaba por unir estas duas temáticas, embora, aparentemente seja a primeira a especial motivação desta escrita.

Uma narrativa de simulação autobiográfica, na primeira pessoa, de uma história de vida, amorosa, com um relato de múltiplas ligações, cujas narrativas vão surgindo perante o leitor, à maneira do *Decameron* de Boccaccio. Alguma confluência, ora vaga, ora mais profunda, entre libertinagem e platonismo, ou entre o acto físico e a reflexão filosófica, ou entre Eros e Psique.

Um dos primeiros livros sobre o amor é o de Apuleio, *O Asno de Ouro* em que se relata o conto de eros e psique. Eros, um deus, enamora-se de uma rapariga que é a personificação da alma, Psique. E acabam por casar um com o outro. Inaugura Apuleio a figura da atracção pela alma, que virá a fazer história no Ocidente. A transgressão, o castigo e a redenção virão também a ocupar especial lugar temático na literatura ocidental, com obras como *Tristão e Isolda*, *Aurelia*, entre muitas outras. Mas Florentino Dick Kassotche é um escritor moçambicano, e as teorias sobre o amor do ocidente podem ajudar a compreender as suas inquietações, mas não as explicam totalmente, uma vez que há outras implicações de ordem cultural, africanas, que intersectam o imaginário amoroso e social que o autor procura desenvolver.

Há, no entanto, uma vertente filosófica que o narrador evoca e cenariza, ensaindo o diálogo, para através dele fazer uma descrição das emoções e dos factos, que lembra, intertextualmente, o empenho filosófico de obras como o *Banquete* de Platão.

Tomando o título como guia de leitura veriquei que no Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido de Figueiredo, a palavra *Inventário* significa: relação ou registo dos bens deixados por alguém que morreu, catálogo, descrição miuciosa, enumeração de coisas mais ou me-

nos longa. Por seu turno *Passional*: relativo a paixão, o mesmo que passionário, o mesmo que *paixoeiro*: livro que contém a narração dos evangelistas sobre a paixão de Cristo. E ainda *Paixão*: bom ou mau movimento da alma, amor excessivo, grande mágoa, desejo intenso, sofrimento ou martírio.

O que leva o narrador a este inventário é um sentimento de perda, que a infidelidade da amada, fez suscitar nele, bem como a reflexão sobre a ordem social do género, tabus, preconceitos, normas instituídas de comportamentos masculino e feminino. Ou seja, um amor excessivo, ou um bom movimento da alma, que se transforma no seu contrário, e que esta escrita procura entender. Deste modo, acaba o narrador por descobrir que o amor é uma atracção para uma única pessoa, para um corpo e para uma alma. O amor é escolha, enquanto que o erotismo é aceitação e pluralidade. No entanto, sabe ele também que sem erotismo não há amor, e que o sentimento amoroso é uma excepção, dentro dessa grande excepção que é o erotismo frente à sexualidade.

Essa pluralidade é evocada nas suas múltiplas aventuras com diferentes nomes e mulheres, que desfilam, quase carnavalescamente, máscara a seguir a máscara, na sua, diria, quase peregrinação e iniciação do conhecimento erótico e sexual. Há uma estranha ligeireza de aceitação, por parte das mulheres desta sobreposição de afectos, hierarquizada pela primeira mulher. Com isto, faz o narrador uma importantíssima crítica, implícita, ao comportamento poligâmico, só parcialmente assumido, uma crítica também à ordem social do poder e da norma instituída, ao comportamento dos homens moçambicanos, e uma reflexão ainda sobre a forma passiva como as mulheres se sujeitam a ele. Nhambrinje, uma das personagens principais da presente obra, acaba por representar a revolta contra essa atitude passiva das mulheres, assumindo com coragem e frontalmente os seus actos. No entanto, por circunstancialismos históricos, de educação, ou outros, tal como uma parte do universo do seu género, não é incorruptível face ao poder material.

E o narrador escreveria, numa das passagens do livro:

A Nicky é a substituta, por excelência, da Nha. Sempre pensei que a Nha era o resumo, mas enganei-me. Depois que conheci a Nicky, não sei se vale a pena erguer cada mulher pela qual se apaixonou como se fosse a essência de todas as outras. A partir da Nicky, apenas digo: o amor em si é uma traição, e todo o acto amoroso apaixonado é composto por mais de duas pessoas.

O narrador é poeta, e enquanto tal, procura compreender as suas diferentes emoções, nomeadamente, a da paixão, martírio e perda, para chegar ao amor. N por N, Nicky por Nha. Ao entender Nha, consegue a cristalização por Nicky, acedendo ao seu passaporte amoroso. É assim parece chegar a conhecer o amor, um presente conjugado em todos os tempos, passado e futuro, que advém da experiência da conquista, da perda, da transgressão, e do confronto com a estranha verdade do outro. E Tchombe, confessaria, quase já no fim da Obra, dialogando com a sua Nha:

(...) Deixemos o tempo ditar-nos o futuro das nossas sortes. Quem sabe, talvez a Nicky seja apenas um teste de um grande amor ainda por descobrir e viver! E quem sabe, Nha, se tu não serás esse amor nascituro!

Ana Mafalda Leite¹

¹ Professora na Universidade de Lisboa e especializada em Literaturas Africanas, desenvolvendo actividades de pesquisa e de docência em várias universidades de língua portuguesa e estrangeiras. É também Autora de livros de ensaio e de poesia.

AGRADECIMENTOS

A minha lista número um de agradecimentos vai para Marcelino dos Santos, um maestro, um homem de cujas experiências vitais e políticas fenomenais me fazem inventar um futuro em que a liberdade e igualdade não sejam apenas conceitos, senão realidades por abraçar e com as quais sonhar.

Aos meus confrades: Hélder Muteia, Ungulane Ba Ka Khosa, António Pinto de Abreu, Eduardo White e Marcelo Panguana, escritores incontornáveis da literatura moçambicana, com os quais aprendi a mensagem de amor e de solidariedade literário-humana.

A minha maior dívida é para dois ilustres homens: Embaixador Daniel António Salu, de quem fui seu *Special Assistant* na União Africana, e José Maria de Morais, que foi um dos meus Directores no MINEC. Esses dois homens souberam cultivar uma relação de irmandade com o ‘subordinado que sou’; toleraram as minhas incongruências de homem, compreenderam as minhas *manias* de escritor e encorajaram-me, nas horas de incertezas, a não desistir de viver os meus sonhos de *escriba*. Daniel e Morais foram dois espíritos brilhantes que me protegeram de urubus, geriram a rebeldia congénita de um escritor somada a bonacheirice de um diplomata e, por fim, em respeito dos dons que não são da responsabilidade de quem quer, reconheceram as minhas imunidades literárias.

Há amigos que são mais do que irmãos. Patrício José é um deles. A nossa amizade foi/é feita de risos e dores compartilhados, silêncios compreendidos e afeição mútua sem explicações. Que a mesma seja exemplo de clubes amizadais globalizantes, sem a preocupação de cores disto e daquilo.

Ana Mafalda Leite e Sandra Macedo – duas portuguesas que souberam acarinhar este escritor africano, representando outras maneiras de pensar, de ver e de sentir o mundo.

José da Cunha e Gilberto Matusse foram os primeiríssimos leitores da presente obra, e mais do que ninguém, eles souberam compartilhar comigo a dor de parto de um texto literário. Um obri-

gado pela amizade, tolerância e meticolosas críticas ao esboço que o livro fora.

À Celsa Vembana, minha esposa-mulher, que teve a coragem de me aceitar como eu sou e tem sabido distinguir o escritor do esposo; o diplomata do homem social.

NOTA DO AUTOR

Há quem insista em afirmar que INVENTARIO PASSIONAL é parte da minha vida, entanto que autor. Agrada-me ouvir esses comentários, que eles fortificam a minha convicção de escritor. Afinal, ser escritor é tornar em simples as coisas complexas e em complexas as coisas simples. A história deste livro poder-se-ia ter passado consigo, se é que ainda não passou, ou com uma outra pessoa das suas relações. E por ironia de destino, ela vai acontecer neste livro e, leitura a leitura, eu tenho a certeza de que o leitor irá reflectir e apropriar-se de certas situações como suas ou de uma outra alma conhecida. Caso isso aconteça, agradeceria que esse jogo intelectual-literário não transpusesse para o mundo factual, sem autorização dos polícias literários.

Bem vistas as coisas e querendo corroborar com os meus leitores-primeiros, até eu diria que o livro, diante de si, narra estórias que tendem a reais, senão vejamos:

“Mil novecentos e noventa e cinco. Estava eu em Harare, capital zimbabweana, a passar uns meses num *environment* em que devia falar-e-ouvir só inglês, como forma de aperfeiçoar essa língua de Shakespeare. Nessa altura, Jorge Ferrão, um amigo de longa data, que se transformou em irmão por via de coração, albergou-me em sua casa. Jorge, à boa maneira africana de *anfitriagem*, para além das mordomias habituais que se dão a um hóspede amigo, disponibilizou também um computador, que era para registar as minhas lucubrações literárias e, um carro, para caçar histórias nas ruas, bares e outros sítios em que as mesmas acontecem sem cavilações. Lá no Avondale, Harare, fiz da casa de Ferrão, um *retiro literário*. Numa tarde, depois dos meus habituais passeios pela cidade, sentei-me no Bar do *Ambassador Hotel*, para beber uma cerveja. E ao sabor da ‘bolinja’ e do encanto do livro “House of Hunger” do Dambudzo Marechera, um escritor que perdeu a vida na flor de idade, nasceu-me uma ideia: imaginei a fazer um telefonema para a minha namorada e ela não atender. E a partir desse não-atendimento, pensei em todas

as possíveis situações que põe um homem fora de si, a ponto de imaginar no desabamento do mundo inteiro. Fantasiado um dilema entre um par de namorados, evidentemente, houve muito espaço para construir cenários pensáveis e impensáveis de uma relação amorosa. E a minha imaginação levou-me para muito longe: escrever uma história que se parecesse com as do mundo quotidiano e, ao longo da construção da mesma, fui ouvido lamentos de homens driblados pelas mulheres, blasfemas de damas desencantadas com as paixões serôdias; convivi com jovens linchados pela vida, gente de posse que se acha acima das leis amorosas, entre muitos acontecimentos. Posta a primeira linha no computador, as outras vir-se-iam a registar naturalmente, até que um dia me surpreendi a ler uma história que já tinha fugido da configuração inicial. Há verdades ficcionadas nesta história, confesso, mas há ficções que se impõem em reais, admito. A distância que separa a ficção dos factos reais não pode, de nenhuma maneira, depender do escritor, que corre o risco de ser ditador literário. Cabe ao leitor encaixar isto ou aquilo como realidade-e-ou-ficção, desde que não haja um esforço demasiado em apontar o criador literário destes conflitos como um dos personagens. Afinal, é a imaginação que espelha a realidade, ou é o contrário?! De uma e de outra, no mundo literário, tudo é possível e passível.

UM

Será pensável o amor sem uma perseguição angustiada da nossa própria imagem no pensamento da pessoa amada?

Quando deixamos de nos preocupar com a maneira como o outro nos vê, deixamos de amar.

Milan Kundera - in *Imortalidade*

Apetecia-me começar assim: acuso-te, Nhambrinje, de cinco anos de esquecimento da realidade passional, que me tornou este ser sentimental! Mas atendendo aos ideais da liberdade de pensamento e de acção que prezo, não posso dar-me ao luxo de apunhalar-te só porque não comungas dos mesmos sonhos. Sei de antemão que o mundo é um lugar tão cruel para um homem honesto como eu, mas será que não havia outros tipos que pudessem ser tuas vítimas?! Não há de quê, assumo a derrota, e acima de tudo, incuto em mim a culpa de tudo isso de forma a sentires-te livre da maldição dos amigos que conheceram o par que fazíamos. Há quem me perguntará: “como é que vais sobreviver a esta dor passional que se cola sem alguma preparação prévia?” A esses eu direi: Conformo-me com o sucedido e faço questão de reconhecer o meu lugar, a minha dor e os meus antídotos.

No meu laboratório passional, dúvidas emergem à superfície e reclamam a verdade: será que as pessoas vieram ao mundo para se lincharem umas às outras? E aquilo que chamamos amor, será mesmo amor, ou é uma outra coisa qualquer com um nome por inventar? Não há respostas. Não há pálios ideais para a imaginação de cenários possíveis. Coloco-me no meu canto e uma ponte de interrogações eleva-se ao encontro da mulher que ainda amo, e que a esta hora é possuída por um outro homem. E pergunto: porquê é que os homens cedem ao amor? O que terá esse bicho de tão especial a ponto de nos levar à loucura?

Penso na Nha e no tempo juntos a construir um futuro pos-

sível. O que fomos na verdade: felizes? infelizes? saturados? conformados com o dia-a-dia das nossas inspirações?

Noite calada de Junho. Estou aqui encerrado num quarto e viajo mentalmente para o destino da razão passional com a palavra mágica - amor - que une e desune uma mulher e um homem. Besteira! Há muito que desprezo a palavra amor. Há muito que desconfio dos meus próprios sentimentos. É que basta recordar-me das fulanas que já passaram por mim, das frases inventadas por causa delas, para chegar à conclusão de que o amor, até certo ponto, é um jogo de interesses, é uma doideira impossível de conter e compreender.

Esmago o tédio. Incuto em mim os ideais da vida e da morte, de amor e de ódio. Penso no pecado original da existência, no sofrimento que comanda os homens na sua luta diária de sobrevivência. Volto de novo à tecla: o amor é uma coisa assim: uma merda, um jogo de emoções, um ganhar tempo de esperança, um fingimento,...

Cá estou. Sentado a escrever, pensar, sofrer, construir cenários de uma sobrevivência possível. Enquanto vivo nesse jogo intellecto-emocional, há vozes anónimas que me falam da Nhambrinje, a menina-moça que é a personagem principal desta prosa. Dizem que ela agora está a conjugar o verbo amar no presente do indicativo com outros sujeitos. Com quem(?), nem quero saber. Já deixei de ser curioso. É que o sendo, a gente sofre com a mania de querer se informar de tudo e nada. A ignorância liberta, faz de nós seres aparentemente livres de preocupações.

Lá longe, há música que o vento traz. Música suave e deliciosa. Música que me relaxa e me transporta para o mundo-Nhambrinje dos meus tempos. O tempo pára. Os sonhos apossam-se de mim. Sonhos e apenas sonhos amargos de uma realidade vivida com uma intensidade picante e marcante. Ainda aqui no meu quarto, a minha estrutura pensamental está opaca, duvidosa, abstracta, aflita, melancólica. As lágrimas caem-me. O medo apodera-se de mim. E pergunto-me: quem serei eu sem a moça que era a minha semi-deusa-musa?

Volto à vida real e decido retratar o meu próprio sofrimento neste caderno que se transformará em um livro. Para me consolar da minha dor, busco Fernando Pessoa e leio: “*Não sou nada. Não serei nada. Não posso querer ser nada.* [E] *Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada*”, confesso que me estou nas tintas para os que hão-de me condenar por escrever o que vivi na dor e na alegria, com a mania de que o escritor não deve se expor do jeito que hei-de fazer. Não sou indiferente às opiniões dos outros, mas há vezes em que um indivíduo tem que lutar para seguir a sua própria voz interior, sem se importar com as marcas-adjetivos do dia-a-dia que lhe serão atribuídos pelos que se curvam aos camelos transportadores de valores caducos, esses que seriam classificados por Nietzsche, o filósofo de *Eterno Retorno*, de imitadores da mentalidade do já dito e inflexíveis na aprendizagem de novos seres-estares.

A minha dor. Dor incómoda e picante. Para me livrar dela vou contar uma história muito pessoal, que meterá pena aos que não me conhecem e vergonha aos meus amigos. E já estou a imaginar alguns a dizerem: “O que deu na tola desse Tchombe para escrever coisas assim!? Quem lhe aconselhou a fazer das suas desgraças literatura?” Mais uma vez digo - estou-me marimbando para todas as interpretações sobre a minha obra ou as razões que me levam a escrevê-la.

Nhambrinje. Conheci-a na escola onde eu leccionava a disciplina de Língua Portuguesa. Ela era uma aluna que sempre fez questão de erguer a sua voz, mesmo em assuntos que não lhe diziam respeito, numa clara demonstração de não querer passar despercebida. E assim, vimos a falar-nos *pela primeira vez* na festa da Agnès, sua prima e namorada do Stefan, este amigo meu desde a infância. Pediu-me para dançar. Aceitei. Enquanto vibrávamos ao som da música de *Judy Boucher*, li naqueles olhos achinesados um sentimento de querer pertencer-me, uma sede de querer ser possuída, e descobri nos seus gestos uma mulher que estava preste a revelar qualquer de-

sejo e de despertar em mim a sensualidade adormecida.

Numa de quebrar o gelo que envolvia o nosso mundo mítico, embora as palpitações dos nossos corações se comunicassem na língua inaudível, ela confessou:

- Não acredito no que estou vivendo agora. Nunca me passou pela cabeça que um dia viesse a estar bem embrulhadinha nos braços do stor e, a centímetros, ouvir a música interior do seu coração.

- Calma aí, Nhambrinje. Stor é quando estou na sala de aulas ou na escola. Aqui sou apenas um tipo como qualquer outro, com as minhas emoções, prazeres e ... bem, diga-se, um homem despido de todos os rótulos oficiais.

Nhambrinje chegou-se muito mais a mim, e sem hesitar, mostrou-se uma mulher que não queria perder tempo com filosofias vazias que não levam a lugar nenhum. E no jeito próprio feminino, ela tentou exprimir o que lhe ia na alma-pensamento, acabando por se revelar de uma maneira diferente dos negativos que só se revelam às escuras. Não se importou com as possíveis bocas dos colegas de turma na segunda-feira, e mesmo em frente da Marília, considerada a mais fofqueira entre as colegas, procurou pelos meus lábios e, em seguida, deixou-me com a marca do seu *baton*.

Depois de cinco músicas seguidas a dançar com ela, fui à varanda para a apreciar à distância. Nhambrinje, conclui, era uma moça cheia de duas belezas combinadas: a interior e a exterior, à parte a beleza erótico-sensual. Comparada às gatas que já viajaram no mundo das minhas emoções íntimas, ela afigurava-se em terceiro lugar, depois da Dora e da Diana. Afinal, agora me recordo: foi assim que comecei a namorar com ela. Mas há quem perguntará - terá sido mesmo assim? Bem, se o sentimento não se planifica e nem pode, à luz da ciência, ser manipulado, o afecto para com a Nhambrinje foi um processo psíquico, resultante do contacto do dia-a-dia entre um professor e uma aluna, ou por outra, entre duas pessoas que se viram atraídas como a ponta de uma esferográfica atrai uma lâmina.

Este monstro que dá pelo nome de amor, quando penetra e fixa-se nas entranhas e faz parte de seres que sofrem, imaginam, pers-

pectivam, futurizam, idealizam a vida e a morte, a vitória e a derrota dos seus próprios actos-sentimentos, é algo que não se pode pôr de lado de qualquer maneira.

Há quem escrevera que o amor é a pátria de todo o Homem, o primeiro e último recurso existencial, a vida e o sonho. E dia-a-dia, Nha, como vim a tratá-la mais tarde, passou a ser exactamente a moradia, o ar, a água, a vida e o sonho. A Nha veio a ser a outra parte de mim, ou seja, o acto dos meus gestos, a lágrima dos meus olhos, o poema dos meus sonhos. Esta Nha, mulher-moça que suportou falos e falos, galgou montanhas e montanhas emocionais, nadou rios e mares controversos, encontrando-se envolvida no meu sonho, com a vergonha arquivada na página do passado, ousou dizer:

“Não imaginas, Tchombe, de tantas aventuras que já tive até a esta minha idade, esta me parece ser diferente. Tenho a sensação de que é a minha primeira experiência amorosa.”

A seriedade que imprimia às palavras dava a sensação de que falava por experiência própria de uma mulher rodada-vivida e posta tantas vezes à prova de si mesma, e fez sentir-me um homem afortunado. E nesse instante de confissão, o seu ser-estar parecia conservar ainda uma ferida afectiva recente, que não estava totalmente cicatrizada.

*

Nhambrinje. Seria talvez com ela que me teria casado se não tivesse aparecido o filho-da-riqueza, e pagasse o preço pelo qual todas as mulheres, orgulhosas e donas de seus narizes quaisquer sejam, aceitam ir para cama ou destruir toda a conjugação do passado e presente imaculados de si próprias. Seria com ela que me imaginava feliz da maneira como havia planificado a minha vida, ainda que esta seja a soma de acasos e instantes imperceptíveis. Seria com ela que me orgulharia junto dos meus amigos por tudo o que tinha planificado fazer junto dela, se não fosse a sua ambição de querer ser a musa das musas. Mas agora, todos esses sonhos pertencem ao passado que, de todas as maneiras, merecem ser enterrados no próprio passado.

Acordo do sonho que durou, aproximadamente, quatro ou mais anos, e pergunto-me:

“- O que nascerá no lugar onde acaba o amor: a recordação e a saudade dos momentos pretéritos? o ódio?, a indiferença?, ou simplesmente a conformação com a realidade do passado feita tantas vezes vista grossa?”

Agora que a Nha já não é minha, sinto dentro de mim o quanto a amei a ponto de me reduzir a nada. Essa consciência que tenho desse amor não é só de hoje, já que me sinto riscado da sua agenda passional, mas de sempre. Da maneira como a amava e da forma como me fazia crer que me adorava, nunca pensei num fim tão inesperado como o que acaba de me ser posto à prova, este que me retira toda a noção do tempo e da existência. Custa-me crer que a poesia que me era dedicada-dirigida, a esta hora em que estou aqui a escrever as minhas lamentações, seja dedicada a um outro fulano.

Incuto em mim o orgulho próprio dos homens da minha condição, estes que encaram a vida como um jogo a ser ainda regrado, e tudo isso na tentativa de ver o caso-Nha como um simples acidente de percurso. E confesso: se até à data em que tive a certeza de que ela andava num dilema passional, não tivesse lido o filósofo Nietzsche, não tenho a mínima dúvida de que tentaria um suicídio como forma de desaparecer do mundo dos amantes e não voltar a cruzar-me mais com ela algures. É que o amor é uma coisa ruim, chega a pôr toda a gente em xeque. Quem é que nunca andou doido por causa do amor, das mulheres? Quando leio histórias de figuras Históricas, fico a saber que Miguel Ângelo apaixonara-se pela própria prima e vivera atormentado toda a vida, e só a beijara depois de morta. E Nietzsche, esse Filósofo de Eterno Retorno, apaixonara-se por uma moça, e essa não se importou em o abandonar e trocá-lo por um amigo. Se esses conseguiram suportar as suas dores, quem sou eu para pensar na morte como refúgio?

Nhambrinje. Amava-a com um amor sincero, puro e inocente. Amava-a de uma maneira sublime, que é impossível traduzir o que sentia por ela por simples palavras que o vento pode roubar.

Imagino os nossos instantes detidos na eternidade, e fico aqui me recordando das horas intermináveis cheias de sonhos e fantasias, a procura de espaços e realidades; de pensamentos libertos de preocupações; de gestos consubstanciando versos e verbos; de horas doces e apetitosas feitas sementes do futuro; do nosso dicionário afectivo de palavras passionais. Hoje, as doces horas, no lugar de intermináveis, são paradas e preenchidas pela angústia e tédio profundo; são horas, acima de tudo, de morte e renascimento. E como escrevera Milan Kundera, autor de ‘Amores Traídos’, ‘Insustentável Leveza do Ser’ e outros livros, por mais fértil imaginação que se tenha, é difícil reviver os pedaços de emoções vividos num determinado tempo.

Nha. Antes de ontem, só o nome dela suscitava em mim as mais belas coisas que o Universo tem; era como um anestésico de todas as desventuras amorosas por que passei. Para além de ser namorada e amiga, ela representava muito mais na minha vida. O seu amor não só me tinha entrado pelos olhos, como também por todos os espaços corporais que levam a mensagem passional para o mais recôndito de mim. Hoje, que as luzes afectivas vão se ofuscando, a dor que me provoca essa paixão compara-se a de uma ferida na perna que é penetrada pelo orvalho logo pela manhã; e o doce nome do passado recorda-me os sete pecados capitais: amor, desamor, mentira, traição, hipocrisia, vilania e luta entre as pessoas.

Apaixonei-me por muitas outras felinas, antes, durante e depois da Nha. Tirando a Dora e a Diana, paixões que merecem uma narrativa especial, a Nha representava a essência de todas as gatas que um dia brincaram na selva dos meus sentimentos passionais. Possuir a Nha era como possuir todas as outras gatas que se viram parte de mim num e noutra instante. A sua vagina era como um celular – um comunicador sem fios, que me punha em contacto com todas as outras vaginas que foram palcos, um dia, da natação original da essência humana.

DOIS

Fiz alusão a Nietzsche, e não cheguei a desenvolver o que esse filósofo, considerado fundador do irracionalismo moderno, representa para mim. Ele é o filósofo do eterno retorno, cuja essência da sua filosofia resume-se no seguinte: “Todas as coisas regressam eternamente e nós com elas, e que já existimos um número infinito de vezes e todas as coisas conosco”, e este eterno retorno é o sim que o mundo diz a si mesmo, é a sua própria auto-aceitação.

Nietzsche é o mais radical negador de valores do passado e do seu presente, incutindo novos valores para o futuro. Segundo ele, a nova tábua de valores passa necessariamente pela destruição, e o homem deve abandonar a mania de ser camelo - transportador de valores caducos, para ser inventor de novos valores. O filósofo propõe a transmutação de valores, a renovação profunda da tábua de valores morais, e chega à conclusão de que a beleza é o resultado de dor e tragédia. Essa transmutação não passa de acumulação de limites, da conquista de um domínio absoluto do homem sobre a terra e do seu próprio corpo. Para Nietzsche, o que não vive não pode querer, mas aquilo que vive deseja mais que a vida, e na base de todas as suas manifestações está a vontade do poder. A vontade do poder determina as novas valorações, que são o fundamento da existência sobre-humana. A melhor coisa no homem é a força de vontade, poder e permanência da paixão; sem paixão, o homem não é mais do que um ser inconsciente e incapaz de acção. A tese principal da sua filosofia é da criação do super-homem - o termo final da superação do homem e que nós (os homens do presente) somos apenas uma ponte, a transição, a corda bamba que está estendida entre o animal e o super-homem. Para Nietzsche, o super-homem é um indivíduo de origem eugênica (selecção que é a base da vida) e não é fruto de casamentos por amor. Ele condena os casamentos por amor, que são a causa de enfraquecimento, em grande parte, da raça humana. O amor leva a que um homem se apaixone pela sua

própria empregada, uma doente mental ou por uma pessoa de uma outra condição social.

A doutrina nietzscheana influenciou-me bastante na maneira de encarar o mundo e julgar os factos do dia-a-dia. O filósofo põe a vida como vontade de poder (força, poderio), e a partir dessa sua visão filosófica, foi-me sempre útil julgar se a vida valia a pena ser vivida ou não. Respondendo a essa preocupação é, de facto, responder a interrogação fundamental da filosofia, que é o problema do suicídio, em lugar das categorias filosóficas clássicas matéria/espírito.

Alguns dos meus conhecidos, depois de se sentirem marginalizados nas suas vidas afectivas, laborais e sociais, em vez de olharem para frente, tomaram o suicídio como única saída das suas dores, das suas dúvidas existenciais, sem se importarem com o futuro que lhes esperava. Estou certo que, se esses tivessem entrado em contacto com as obras de Nietzsche, chegariam à lógica conclusão de que a vitória como a derrota não passam de estados emocionais da existência e instantes da própria vida. Qualquer que seja o acto, ele deve ser diagnosticado até à nudez completa do *em si*, numa tentativa de captar as verdadeiras razões de uma vitória-derrota.

Talvez seja por eu ter encornado demasiadamente a filosofia nietzscheana, que a idéia antiga de não me casar por amor voltou à baila. Já em tempos idos, havia me decidido a não casar por amor, e tudo isso era por causa da Dora, aquela namorada que igual só poderá ser encontrada nas páginas dos meus pensamentos passionais. De tanto nos amarmos, eu e Dora, chegamos à conclusão de que não devíamos viver sob o mesmo tecto, como marido e mulher, com medo que nos feríssemos, um dia, por mesquinhices caseiras inevitáveis, e isso poderia azedar toda uma vivência cheia de sonhos.

Trazendo à ribalta todos esses ensinamentos que me permitem dar um outro sentido à minha vida, faço questão de entrar em harmonia com Fausto de Carvalho, o autor de *Um Instante na Eternidade*, quando escreve: “O Homem é uma aventura permanente, é a criatividade pura, é a experiência da liberdade e do que ela arrasta: a alegria, a dor, a invenção ou a morte. De que servem correntes,

freios ou concessões? O Homem é ele a própria liberdade, a imaginação concretizando actos, o projecto feito palavras.”

Penso na Nha. Recordo-me das horas sublimes do nosso tempo passional. Se o próprio amor que nos ligava era uma forma de liberdade, de experimentação, de auto-afirmação e de viagem para o interior das nossas almas, porque terei eu de ficar triste por uma ruptura que não passa de uma afirmação interior, ou seja individual daquela que era minha? Porque terei de mergulhar no tédio profundo, se todo o início é o prenúncio do fim?

Depois de tudo estar em pratos limpos, fui ao seu encontro. Movido pelo fogo da angústia, perguntei-lhe:

- Nha, depois de tudo o que aconteceu connosco, o que haverá em ti: ódio, paixão, ou apenas o sabor excitante da nova aventura?

- E o que haverá, Tchombe, na interrogação muda do teu olhar, dos teus gestos: desespero, indiferença, incapacidade de superação ou simplesmente desprezo de tudo o que tento reconstruir?

- Agora que estou embriagado de medo e da angústia, não sei como te responder. No estado em que me encontro, não tenho respostas a dar-te, Nha, senão perguntas, perguntas e mais perguntas. Há coisas difíceis de perceber. Quando penso no que fomos, para hoje ... oh, Nha, como é que tiveste coragem de pôr um ponto final aos nossos sonhos conjuntos, fermentados e paridos com sacrifício, sob o olhar de curiosos e invejosos? Como é que foste capaz disso, diz-me!?

- Se comesças com os teus interrogatórios, não hei-de querer ouvir mais nada do que o teu silêncio.

Lembro-me, foi assim que nos separamos, e lá a deixei, ao pé do mar, sem me importar como é que voltaria à sua casa àquelas horas mortas da noite. Deixei-a que era para se adaptar à sua nova aventura, à sua nova liberdade total e completa e, de facto, fosse dona dos seus actos. E à velocidade de automobilistas profissionais, fui-me embora pelas avenidas semi-escuras do Maputo à procura das cores de que se pintam as madrugadas citadinas.

*

Nha. Veio ainda nessa madrugada, inspirada para uma conversa de entendimento e perdão. Estava lasciva como sempre fora. Trazia o sabor de sal na boca, a cor das algas marinhas nos dedos, os riscos de transgressão e ressaca das ondas no ventre.

- Temos que conversar, Tchombe.

- Depois de tudo o que aconteceu entre nós, e da escolha do teu caminho de liberdade, haverá ainda mais alguma coisa que nos possa inspirar essa conversa que queres? Haverá ainda espaços físicos e imaginacionais que possam ser palcos da nossa loucura? Haverá, na real verdade, coisa alguma que nos reaproxime, eih, Nha?!

- Tu bem sabes que o nosso passado é um passaporte que nos confere todas as imunidades passionais e ligar-nos-á para sempre. Vamos abrir os nossos espíritos e conversemos com franqueza, Tchombe.

- Fizeste alusão ao passado. Haverá ainda em ti, Nha, algum passado? Terás a noção desse passado de que fazes questão de sublinhar? Para ti, o passado não passa de cinzeiro em que depositaste a sujidade dos teus cigarros, ou por outra, o passado são os cigarros que fumaste e que se transformaram em cinzas. O passado são os dias que se foram e nunca voltarão. Fala-me de tudo, menos do passado, que esse ligado a ti, soa-me à merda.

- Gostaria que nos entendêssemos como sempre o fizemos, e que não olhemos para a nódoa que manchou a minha vida como algo destruidor do que fomos e somos na essência dos nossos sentimentos. Mais do que ninguém, tu sabes muito bem quem eu sou. Eu aprendi a conhecer-me a partir de ti. Confesso que errei, mas tu não tens o direito de me abandonar deste jeito. Amo-te, Tchombe; um amor que só tu, poeta que és, estás permitido a adjectivar e a nominalizar.

- Será que ainda é amor essa réstia de sensações que sentes por mim? Será que é de amor o brilho dos teus olhos? Será que ainda é paixão isso que arfa no teu peito, nas tuas veias? Será que ainda vive

em ti a promessa de construirmos a nossa casota dentro da ilhota do rio Zambeze? E será que ainda aceitas e assumes o nome poético que escrevi à agulha no teu púbis?

Calou-se como quem não tinha respostas às minhas preocupações. Com os olhos virados para o interior de si e para o mar da sua imaginação, Nha, no instante, era uma mulher incapaz de perceber que embora nos amássemos, estava proibida, aliás, estávamos proibidos de nos encararmos da mesma maneira como nos tempos idos; de entender que a filosofia masculina era diferente da feminina. Uma mulher pode surpreender o seu esposo em pleno coito com uma amante, e ela, regra geral da natureza humana, está em altura de perdoar o parceiro, mas o mesmo acto a acontecer ao inverso, duvido que os homens possam engolir essas realidades, a não ser os super-modernos ou outros movidos por motivos de vária ordem. Uma das razões que levam os homens a ser intolerantes em relação às aberrações sexuais é a própria natureza da sociedade, esta que não ajuda o indivíduo a libertar-se dos tabus e freios. Para ela, o homem que tenha mais de uma mulher é aventureiro, sinal de masculinidade, enquanto que se é a mulher a ter mais de um parceiro, é tida como leviana, devassa, e todos os nomes pejorativos possíveis e inimaginários. E uma outra razão de tudo isso está ligada à própria relação possuidor/possuída. O homem, na sua condição de macho, tem a faculdade de escolher os momentos para possuir a sua presa; a mulher, esse ser lascivo, embora sendo do sexo forte, na medida em que, em condições normais, está a altura de ser possuída por mais de dois heróis, não lhe é dada a faculdade de saciar os seus apetites passio-sexuais quando quiser, i.é, se a vara do seu herói não estiver preparada para o acto, ela é obrigada a esperar, até que esta adquira o estado activo. A mulher, estando preparada ou não para a viagem orgásmica, se o seu herói quer nadar nas suas águas orgásmicas, é obrigada a adaptar-se à situação, pois a sua gruta mágica deve estar sempre pronta para albergar a varinha masculina. Essa relação de possuidor-possuída cria uma forte dependência da mulher ao ho-

mem. A mulher, por mais instruída, independente, educada, rebelde que seja, está condenada a depender de um homem, sobretudo quando se trata do campo sexual. Mesmo com aquelas que são lésbicas, a situação é idêntica - nos seus jogos passionais, há quem joga o papel de homem e de mulher, e aí o homem desempenha o seu papel de herói, e a mulher, de receptora do sémen, da faca genital, enfim, ela representa o berço maternal de todas as criações.

*

Confesso que ainda amo esta filha-da-liberdade, mas só de pensar nas bocas-comentários dos que nos conheceram juntos, um par de admiração e respeito que fomos, fico com o pensamento atado, sem saber para onde ir com a minha paixão. E tirando a sociedade, o outro problema que se coloca é que continuando com ela, duvido que eu venha a respeitá-la como a respeitava, confiar nela como a confiava. A melhor coisa a fazer, acho, é conformar-me com a realidade de que a Nha pertence a um outro barco passional, e encarando as coisas deste jeito, evito pensar constantemente nas palavras azedas como traição, infidelidade, desconfiança, ruptura, e uma série delas.

Nha estava ainda sentada, olhando-me como quem espera qualquer sinal, talvez um verso de perdão e de aceitação do seu regresso à casa, que lhe possibilitou o sonho de um dia vir a ser a mãe dos meus filhos e companheira de um sonhador.

- Tu me surpreendes, Tchombe.

- Como?

- Exiges-me perguntas e respostas. Mas porque teremos de nos maçar assim tanto à procura de explicações para actos da vida? Porque terei de me dissecar para me entenderes e leres tudo o que sinto-penso?

- Estás a fazer confusão, Nha. Nunca te exigiu explicações, senão respostas às minhas preocupações, o que é normal para um tipo que quer a sua paz interior. Nunca quiz fazer-te autópsia pen-

samento-verbal, senão uma tentativa de entender o que, de facto, aconteceu contigo para de repente seres o contrário do que eras. Nunca quis ser ...

- Por favor, paremos com isso. Aceito que nunca me tenhas exigido nada; nunca me quiseste-fizeste mal, mas não chego a perceber a tua atitude perante o que aconteceu. Na tua ausência, movida pela carência afectiva, e sei lá o quê mais, vi-me envolvida nos braços de um sicrano. A princípio pensei tratar-se de uma aventurazinha, que todos nós podemos ter ao longo das nossas vidas, e fiz tudo por tudo para que fosse uma coisa de não dar nas vistas. Não sei como chegaste a saber, e logo tomaste decisões extremas, sem primeiro auscultar-me ou procurar entender os motivos que me levaram a cometer o tal crime, se é que é mesmo crime. Escreveste uma carta a anunciar o fim do nosso namoro, e aprovavas a minha liberdade. Não amo o Borges. Não me imagino uma vida inteira ao lado dele. Meti-me com ele por uma fraqueza feminina de momento, e foi porque precisava de um homem na minha vida, para atender às minhas necessidades biológicas. As cartas que tu me escrevias, os telefonemas que me fazias, por mais românticos que fossem, não eram tudo para fazer reavivar um amor, ou seja, para satisfazer as minhas carências afectivas. O corpo humano não só se alimenta de sonhos e palavras, e tu bem sabes disso, e aposto que não ficaste todo esse tempo lá fora, sem alguma comparsa sexual ...

- Porque terei de ouvir tudo isso?

- É por não nos entendermos do jeito que eu esperava. Tu pensas só em ti, e mais nada. Pensas nos erros dos outros como pecados fatais. Se me amas, como me fazias crer, porque não te esqueces do deslize que cometi?

- Mas...

- Mas o quê? Cala-te e tens de me ouvir! Na nossa relação, quem é que acumulou mais cartões amarelos? Não se transformaram em vermelhos porque eu fazia tábuas rasas a tudo o que me aprontavas. Deixa-me recordar-te de algumas dores de cabeça que me deste: um dia, disseste-me que ias ao encontro dos teus amigos, enquanto

tinhas um programa com a Agnès. Alguém com pena de mim apitou-me e surpreendi-vos no Hotel Santa Cruz. Lembras-te do que me disseste? “If you love me take me as I am.” - e eu, que não entendia paravina de inglês, nem sei o que significou esta frase no instante! Outro dia, encontrei-te todo encostadinho à Denise, e num sítio meio-público. Não levantei nenhuma poeira, e perdoei-te. Quando eu estava internada no hospital, para abortar exactamente a tua gravidez, foste capaz de vir visitar-me acompanhado da Melanie, a tua amante, e depois foste à Namaacha com ela, para um fim de semana, enquanto eu morria de dores. Quando davas aulas no Liceu Alvorada, foste capaz de declarares em frente de muita gente que estavas apaixonado pela Zara, e que eu não tinha nenhum direito de interferir na vossa relação. Depois que tivemos um acidente de carro, e pediste-me para ficar contigo em tua casa, que era para melhores cuidados, não te importaste de fazer amor com a Doris na sala de estar, enquanto eu estava a dormir, depois de umas boas doses de sedativos. Foste em missão de serviço à Singapura. Quando voltaste, como se eu fosse uma simples amiga, mostraste-me fotografias obscenas com aquelas pitas asiáticas. E quantas outras coisas, Tchombe, fui capaz de suportar? E a pior de todas é da Tuarica, a minha própria amiga. Se não foste por cima dela, é porque mal me apercebi que estavas com os papos aguçados e accionados para a moça, cortei logo pela raiz as tuas intenções conquistacionais. E queres saber mais?! – tenho cá comigo as memórias sobre essas e outras tuas conquistas.

- Que memórias, e como as apanhaste?

- Vou lê-las para teres a certeza do que digo:

“Agnès. Foi bonita a maneira como nos conhecemos - pelo telefone. Eu queria falar com uma sua amiga com quem eu namorisava, e antes disso, travei uma conversinha com essa desconhecida. A melodia da sua voz encantou-me. Imaginei o seu busto, o seu ser-estar e o seu rosto-ar feminino, e formou-se em mim uma ânsia de querer abordá-la. No primeiro encontro descobri que era uma menina dada a poesia e loucuras, e nesse mesmo dia fomos até ao Res-

taurante Penha Palhota, que se situa ao pé-berma do Oceano Indico, que era para saborear a brisa mágica que vem das águas salgadas e escutar a música resultante da ressaca e transgressão das ondas. Pedimos o que pedimos, mas tivemos que esperar por muito tempo pela comida e essa demora fez com que a Agnès perdesse a paciência.

- Que tal se fossemos almoçar em tua casa? Eu cozinhava e tu ficavas a ler a tua poesia para mim.

Agnès. Uma coisa doce, meiga e lasciva. Uma mistura de cores, raças, pensamentos e sonhos. Mal entrou na minha casa, em sete minutos identificou-se com ela, e ficou uma dona especial do espaço que comungávamos. Enquanto estava a cozinhar, a capulana caiu-lhe do corpo. As suas mãos estavam oleadas. Chamou-me para a ‘capular’. Olhei para aquela figura semi-nua. Não acreditei no que estava a minha frente. Boas ancas, bonitos quadris, economia traseira proporcional ao seu corpo e,

- Tás a olhar para o quê? Por favor, veste-me.

- Tu és bonita, e muito mais bonita assim como estás. E não imagino quando estiveres completamente nua!

- Eu sei que estás a fazer poesia, mas não me sinto bem assim a cozinhar. Veste-me, oh, Tchombe!

Todos nós sabíamos que estávamos a fazer um golpe a uma pessoa que era dona do lugar. Explico-me: eu conheci a Agnès por intermédio da Manuka. A Agnès sabia que eu andava com a amiga. Eu sabia que a Agnès sabia que eu andava com a Manuka, mas naquele instante, e logo na cozinha, esquecemos a amiga comum e beijamo-nos prolongadamente com os corações a ferver de ânsia e desejo de nos possuímos por completo.

- E agora, Tchombe?

- E agora, o quê, Agnès?

- Qual será a minha relação com a Manuka?

- É uma questão de saberes representar.

- Será que hei-de aguentar fingir que não te conheço enquanto já percorreste a minha estrada genital?

- O que queres que eu faça? Assumir-te e deixar a Manuka

sem nenhuma explicação?

No dia seguinte, quando eu fui ter com a Manuka, esta deu-me a entender que já sabia de alguma coisa. Aquela alegria, aquela gargalhada explosiva-espontânea que lhe era característica, mal me viu, desapareceu, e ficou uma mulher inofensiva e desamparada. Tudo à volta obedeceu ao seu silêncio, e até o gatinho brincalhão não se atreveu, nesse dia, a pular de um lado para o outro, para chamar atenção que sempre fazia da sua existência.

- Algo se passa contigo, Manuka, o que será?

- Tu sabes, e caso não, então é uma grande ficção que está a ser contada por alguém que morre de amores por ti.

- Directo ao assunto, por favor.

- Com quem estiveste no sábado, aliás, ontem em tua casa?

- Com a Agnès.

- Está tudo explicado. E vens aqui para quê, se já encontraste a tua paixão fatal?

- Não haverá mal entendidos e exageros da parte dela?

- Pode haver, mas a verdade é que ela nunca podia inventar tudo o que anda por aí a ser propalado.

- Bem, para te ser sincero, as coisas aconteceram a uma velocidade que nem tive tempo de pensar nas implicações e comentários possíveis à volta dessa aventura.

- E qual é o meu lugar, agora? Conheço a Nhambrinje, a tua namorada oficial e respeito-a. Falaram-me de uma Melinda, mas não estou preocupada com ela. Agora, para além de nós as três, vem a Agnès. Qual é o meu lugar, oh, Tchombe?”

*

“Denise. Entre eu e ela existia aquela paixão em que o elemento sexo não era muito importante. Não faltaram beijinhos e loucuras amorosas, mas nunca tivemos oportunidade de estar num sitio seguro onde pudéssemos divagar para o interior dos nossos corpos. Existia em nós, sim, um compromisso amoroso que se assemelhava a

qualquer um, e ela era capaz de ficar ciumenta quando me apanhasse com alguém algures, desde que essa não fosse a Nha. Da vez que nos despimos para nos *coisarmos*, começou-lhe a menstruação inesperadamente, e, por causa disso tivemos que interromper a viagem passiona. Ficou com medo do acontecido, e chegou a pensar que talvez o marido tivesse aplicado alguma magia, já que o africano é muito avançado nessa arte de se defender das infidelidades conjugais. Apaiziguei-a, dizendo que aquilo tinha acontecido por causa da elevada carga emocional e do medo que lhe percorria as veias, já que seria infiel ao marido pela primeira vez na sua vida de casada.”

*

“Melanie. De todas as gatas que se viram distinguidas pelo meu faro poético e tiveram a chance de saborear o meu *inner-milk*, independentemente das suas idades, a mais bela e formosa era a Melanie, essa senhora cinco anos mais velha que eu. Quando percorro a cidade de Maputo, de todas as beldades existentes, poucas chegam aos calcanhars desta figura de Deus. Quando nos conhecemos, nunca imaginei que naquela cabeça andassem ideias eróticas e passionais em relação à minha pessoa. E para ser sincero, foi ela quem provocou a situação.

- Parece seres tímido, serás mesmo isso ou é a minha impressão?

- O que queres dizer com isso?

- És capaz de te declarares a uma mulher?

A sua conversa não passava de uma provocação. Não perdi tempo e convidei-a para um *drink* no SILABAR - Bar da Associação dos Escritores Moçambicanos. Cedeu ao convite. Enquanto saboreávamos a nossa cerveja-2M, as suas pernas não se cansavam de me tocar, e numa dessas vezes, baixei o meu braço e acariciei uma das suas coxas.

- Ai, que bom. As tuas mãos são eléctricas. Não me excite, por favor.

- E se o fizer?

- O que me farás?”

*

“Zara. Não me recordo de como a conheci, e nem sei como consegui levá-la para a minha casa. Foi uma coisa, assim, mágica, que, em pouco tempo, a gente se correspondeu a ponto de entrar nas intimidades.

- Invejo a tua namorada.

- Há razões para tal?

- Gostaria de ficar no lugar dela e beneficiar-me desse teu charme, dessas tuas manias masculinas e dessa tua poesia.

- Sem seres, podes beneficiar-te da minha masculinidade, e quem sabe, muito mais do que a própria dona.

- Como?

- O fruto roubado-proibido é sempre mais excitante e apetecido.”

*

“A Sallie, a Ambaray e a Amanda foram daqueles casos que todos os homens têm. Aconteceram ao sabor de muitas circunstâncias e situações da vida. A Sallie, por exemplo, eu namorava com uma amiga dela e, quando a nossa relação teve o seu fim, ela se meteu, a princípio, numa de consoladora e conselheira, para no fim mostrar a face verdadeira - de uma apaixonada. Houve entre nós uma correspondência recíproca, mas assustou-me sempre a sua inteligência de mulher. Era metódica demais e não deixava escapar nenhuma falha da minha parte. Numa relação a dois, há vezes em que se deve fechar propositamente os olhos, mas ela não era do género de deixar passar as coisas. Para a não fazer sofrer, armei-me de coragem e disse-lhe que devíamos ser apenas amigos íntimos e não namorados.

- Sabia que mais-menos dias, tu irias romper com esta relação.

- Sabes, és esperta demais e nenhum homem pode aturar a inteligência e esperteza em demasia de uma mulher como tu.

- Ah, querem as estúpidas, as que podem mentir e enganar

ao vosso bel-prazer, né?

- Não é nada disso que pensas! Todo o mundo tem as suas falhas e limitações. Tu és rígida demais para com situações que consideras anormais. E outra coisa muito importante é que todos nós gostamos da nossa liberdade, por mais que ela seja fictícia. E tu nunca consegues conceder essa margem de liberdade aos outros. Achas que eu aguento esse tipo de privações e prisões?

- Liberdade. Que tipo de liberdade é que tu precisas para além dessa que tens em demasia? Assisto aos teus engates e falcaturas, e o que mais gostarias que eu fosse capaz de aturar?”

*

“A Tuarica telefona-me. Quer um encontro, um passeio, uns versos da minha autoria.

- Gostei de ti desde o dia em que me deste boleia para o mercado *Estrela Vermelha*. Mas és um tipo muito difícil-maniento.

- O que seria de mim se tivesse que entrar na onda de todas as tipas que dizem gramar de mim!?

- Afinal, são assim tantas?

Tenta pegar-apalpar-me.

- Tuarica, estou a conduzir. Não podemos brincar assim. Pode ser fatal para ti-mim-nós.

- Seria tão bom morrer ao lado de um *Dom Juan* como tu. E quem me dera se fôssemos enterrados na mesma cova!

- Só pensas em ti, né!?

- Acho que as outras já tiveram as suas oportunidades.

- Não te esqueças que és amiga da Nhambrinje, okay!”

*

“Doris. Gramava dela de uma forma que não conseguia controlar-me, mas ela ainda dormia e o vento dos meus versos ainda não lhe tinha soprado nos tímpanos. Embora houvesse algumas di-

ferências de concepção na maneira de encarar o futuro, eu já sonhara alguma vez casar-me com ela. Ela tinha uma presença física invejável e uma cara e gestos de uma princesa. O erro imperdoável que cometeu foi de, na altura em que a tomei por namorada principal, e aproveitando-se da minha ausência, meter-se com um tacudo, e segundo fontes fidedignas, ela chegou a viver com esse cabrão.

Doris era daquelas mulheres que não se importavam de mostrar a todo o mundo que não podiam namorar com tipos que não reunissem condições, acima de tudo, materiais. Nunca dei atenção a essas suas manias de riqueza, e preferi levá-la como ela era. Nunca encarei com malícia as suas exigências de uma moça sonhadora de pertencer a alta sociedade e ao seu comportamento que muitas vezes deixava a desejar. Nunca dei ouvidos aos comentários dos meus amigos em relação a ela, mas quando pisou o risco em que todos os homens se tornam sensíveis, não pensei duas vezes, mas mesmo assim, foi com calma.

Quando decidi romper com ela, levei-a à praia da Costa do Sol, numa de namoriscarmos, e lembro-me que ela estava toda amorosa e feliz. Custou-me dizer-lhe de caras que tínhamos que pôr ponto final à nossa relação, e pior de tudo foi quando pensei que ela já era uma mulher magoada. Ela tinha dois putos, praticamente sem pais, que haviam sido feitos em aventuras e com pessoas diferentes. E o que acelerou a minha decisão, para além do seu comportamento, foi a condição que me impunha: *‘Terás que me levar com os meus filhos ...’*. Até que eu bem podia adoptá-los, que eles não tinham nenhuma culpa de terem nascido e não terem conhecido e recebido o amor dos pais, mas detesto ordens, imposições e decisões unilaterais.

- Porquê é que queres me deixar? Terás encontrado uma outra pessoa, ou os teus amigos encheram-te com mentiras a meu respeito?

- Matutei sobre a nossa relação e cheguei à conclusão de que ainda não estou preparado para ser teu marido.

- Tudo se aprende, e o que é que esperas com a idade que tens?

- Esquece a idade. Há muitas coisas que nos separam.

- O quê, encontraste uma tipa com vagina diferente a quem não resististe?

- Evita essa linguagem barata. Estou a ser sincero contigo, não estou a fim desta relação, e ponto final.

- O que é que eu não tenho e as outras têm? O que é que de mal existe no meu corpo?

- E se eu te disser que o mal está no teu pensamento, acreditarias?

- Tu não sabes o que queres. Fodeste-me e, agora que não sou novidade, deitas-me como se eu fosse um pano velho, que nem serve para limpar as mesas da tua sala.

- Doris. Estás com uma linguagem muito azeda, sabes. Quando te metias com outros gajos na minha ausência, pensavas que eu não iria descobrir-saber?

- E tu lá onde estavas não tocaste nenhuma pita? Guardaste esse teu bicho aí para mim?

- Cabe a ti julgar o meu comportamento e aceites ou não a minha pessoa. Quanto a mim, não estou preparado para viver com uma tipa que, bastou uma pequena ausência do dono da casa, entregou-se ao primeiro cabrão prometedor de sonhos. Esse aí é que te usou e abusou. Eu respeitei-te sempre como namorada e, se existiu um homem que já te elevou à condição de mulher de sociedade, sou eu.

- Homens. Todos iguais. Querem as nossas ratas, e depois somos vacas desmamentadas e velhas mobílias para se apreciar à distancia.

- Os teus homens do passado é que foram-são isso; não gostaria de ficar nessa lista. Não andes armada em esperta; repensa na nossa relação e não fiques aí a destruir a ponte por onde poderás passar um dia.”

*

“Jenny. Quando saía do Maputo, uma sua amiga confiou-me uma carta. Chegado ao destino, telefonei-lhe. A nossa primeira conversa ao telefone foi tão apaixonante e envolvente. Falamos como

se nos tivéssemos conhecido há muito tempo.

- Como sabes, estou um pouco longe de Harare; são aproximadamente 100 quilómetros. Venho aí no *weekend* buscar as minhas encomendas. Já que nunca nos vimos, como é que havemos de nos reconhecer?

- No dia em que decidires vir, diz-me, e dir-te-ei o tipo de roupa e a minha descrição pessoal.

Chegou o dia marcado. Fui esperá-la na terminal de machimbombos. Não precisei de duvidar, reconheci-a imediatamente, enquanto ela ainda tentava comparar a imagem mental que trazia e a pessoa que eu era ali parado. Olhei para ela com um olhar de gula e interesse. A primeira coisa que me impressionou naquela moça dos seus vinte e nove anos foram as suas tetas que pareciam estar a conservar a virgindade, as suas pernas bem torneadas que ultrapassam as da Tina Turner, o seu olhar fixo e apaixonante e o seu porte singular de mulher.

Aluguei um quarto para ela no lar onde eu vivia. Depois do jantar, fomos à Thomas Mafumo's disothèque.

- Sabes, ontem falei para Maputo com a minha amiga, e a imagem que me deu de ti é totalmente diferente desta que se me apresenta como a real.

- Como assim?

- Ela disse que tu eras baixinho e gordo.

- E não sou?

- Não és tão assim como ela te descreveu. E há uma outra coisa que ela acrescentou.

- Qual?

- Que eu devia ter um pouco de cuidado, que tu eras daqueles tipos que não deixavam escapar as saias.

- Essa tua amiga foi muito tendenciosa. Eu não a conheço bem, e como é que ela conhece-me assim tão bem?

- As pessoas como tu não passam despercebidas no meio em que estão inseridas. Para o teu caso, tu fazias e as outras pessoas observavam. A tal minha amiga chegou a dizer que uma amiga dela

também estava perdidamente apaixonada por ti, só que tu te fizeste de despercebido.

*

- Sabes, eu presentia que isso iria acontecer.

- Como assim?

- Nas nossas conversas ao telefone, qualquer coisa ficava pendurada nos nossos pensamentos e falávamos como se já fôssemos grandes amigos. Não acontecia o mesmo contigo?

- Tens razão. Cheguei a sonhar contigo, e nesse dia tomei banho de madrugada, que estava com o biquini todo enleitado.

Riu-se a ponto de não conseguir conter as lágrimas e aquele seu riso estridente recordou-me, no instante, qualquer outro riso que me vinha à memória e, tive a sensação de que a Jenny devia ser daquelas mulheres que qualquer homem transporta consigo na imaginação, e que no primeiro encontro real, é como se fosse o prolongamento de todos os encontros fictícios vividos intensamente.

- Sabes, Tchombe, a minha amiga disse que tu eras gordo, mas não é verdade.

- Mas acertou quando disse que eu era mulherengo.

- Todos os homens são uns putanheiros por excelência, só que uns são fingidos e outros são descarados. Prefiro os que se manifestam, do que aqueles que se apresentam santinhos, escondendo uma teia de aventuras.

Na esteira do amor. Rebentando todas as barreiras, cada um conta a sua história, as suas aventuras, os seus sonhos, chegando a apontar nomes, sítios, situações e mais. A raça nos separa, mas a ponte que liga os nossos corações é mais forte do que todos os outros factores sociais.

- Tchombe, tu achas que é amor o que a gente sente um pelo outro ou é uma atracção de momento?

- Não sei.

- Sei que tás comprometido. Não gostaria de estragar o teu futuro.

- Não me fales de futuro, moça. *What does future mean for you?*

- Tu que és poeta, é que podes explicar melhor.

- O meu futuro é o meu presente. O meu futuro és tu, como poderá ser qualquer outra pessoa. A vida é engraçada, sabes. Para uns, ela é uma ficção; para outros, uma novela; ainda para outros, uma aventura.

- E para ti, o que é?

- É a soma de todos os instantes que me mantêm um ser existencial.

- E o que será amor para ti?

- É uma pergunta filosófica que merece uma resposta filosófica, mas acontece que não sou filósofo. Quantas coisas vivi antes de te conhecer e quando olho para ti é como se eu tivesse feito essas coisas contigo? Amor. Amor é o instante vivido, a emoção conjugada, a certeza momentânea, a união de dois corpos que se querem. Amor - somos nós, eu e tu, aqui a divagarmos nos caminhos sinuosos dos nossos pensamentos e corpos, e com as partes dos nossos corpos, cantamos e falamos sem palavras.

- Qualquer coisa me dizia que tu eras diferente.

- Claro, cada ser humano é o espelho de si próprio e da sociedade em que está inserido. Semelhanças, sim, mas igualdade, nunca. E eu sou o que sou.

- Qual é o teu signo?

- Capricórnio.

- Estava a ver. Estou a um passo de capricórnio, e tudo está explicado. É como se fossemos duas metades de laranja há muito tempo perdidas pelo mundo e que hoje nos reencontramos e nos encaixamos perfeitamente.

- Afinal, fazedor de poesia és tu e não eu!”

- E suponho que hajam mais memórias de género que devem estar escondidas algures. A partir do que te li, quem devia deixar o outro era eu, que perante tudo isso que me aprontaste, nenhuma

mulher normal iria resistir, mas porque gosto muito de ti, aturei e sempre te perdoei. Fiz de conta que eras só para mim, enquanto na realidade eras de muitas, incluindo até de pessoas que nunca me passaram pela cabeça.

- Quando me pediste para conversar, era para passar em revista essas cenas do pretérito?

- Não, era para te pedir desculpas e fazer-te entender que o único tipo com quem realmente posso ser eu, és tu, Tchombe. Era para fazermos o inventário afectivo das nossas vidas e fazer-te ver que o erro é humano, e nenhum de nós está isento das culpas que a existência se responsabiliza.

- Tu és mulher, eu sou homem, oh, Nha.

- E o que isso tem a ver?

- As tuas liberdades passionais têm outras interpretações diferentes das minhas.

- É esse machismo que estraga o mundo. As mulheres podem perdoar, e vocês, não, mas porquê isso é e sempre foi assim?

- Não sei, Nha. A História da Humanidade deve ter as suas razões que ainda não deixou vir à superfície. Pensa no que sabemos do mundo. Começamos propositadamente por Adão e Eva. Entre os dois, na leitura bíblica, quem é considerado o mau da fita? Pensemos nos Apóstolos que acompanhavam Jesus Cristo. Todos eles eram homens. Será que não havia mulheres de convicções religiosas tão firmes e com uma fé igual a dos homens na altura? Falemos da poligamia. Sabes que é sempre na perspectiva de um homem para eno mulheres, em quase todo o mundo? O Rei da Swazilândia, por exemplo, escolhe anualmente uma donzela para ser sua outra mulher, mas a Rainha da Inglaterra não pode fazer o mesmo, escolhendo um rapaz para saciar os seus caprichos sexuais ou para ser mais um membro da corte com funções emocio-sexuais. O Príncipe Charles da Inglaterra fez e desfez com a sua amante Camila, quando ainda estava casado com a Diana, mas quando descobriram que a princesa de Gales tinha um amante, a família real enfureceu-se e o mundo dividiu-se: houve os que entenderam a situação da pobre coitadinha

que era constantemente trocada pela Camila, e os que a rotularam de leviana, mesmo admirando a sua figura. A Bíblia, o livro de referência obrigatória, pelo menos para uma boa parte da população mundial, trata da relação homem-mulher, sob vários aspectos, de uma forma nítida, na medida em que a mulher, muitas vezes, aparece como o princípio do mal. E porquê tudo isso, eih, Nha?

- E lá tás tu com as tuas filosofias de encantar um público, de fazer chorar de risos os homens e mulheres, mas eu que te conheço, à minha maneira, não fico nessa banda de pessoas que vão te aplaudir. Pena que Nietzsche, o teu pai espiritual, não esteja entre os vivos. Ele ensinar-te-ia de novo o que são valores caducos a serem violentados e os a serem mantidos. Não concordo com o teu papo, mas não tenho lucidez filosófica e oratória suficientes para te enfrentar.

- Mesmo que não concordes, os factos por si só falam. E agora vou dar-te um outro exemplo, no que concerne ao tratamento machista na língua portuguesa. Preste a atenção aos exemplos: Cão: o melhor amigo do homem, mas o seu correspondente no feminino é Cadela, que significa Puta. Vadio: Homem que não trabalha versus Vadia: Puta. Boi: Homem gordo, forte versus Vaca: Puta. Bode: Homem feio, que cheira mal versus Cabra: Puta. Aventureiro: Homem que se arrisca, viajante, descobridor versus Aventureira: Puta. Homem dado: Homem afável, de bom trato versus Mulher dada: Puta. Garoto de rua: menino pobre que vive na rua versus Garota de rua: Puta. Pistoleiro: Jagunço, homem que usa arma de fogo versus Pistoleira: Puta. Homem da vida: Sábio, pessoa com experiência adquirida ao longo da vida versus Mulher da vida: Puta. Mercenário: Soldado de fortuna, combate a troco de dinheiro versus Mercenária: Puta. Puto: menino, rapaz pequeno, anjinho versus Puta: Mulher da vida, pistoleira, mercenária, garota da rua, cabra, vaca, cadela, mulher dada, aventureira. Quererás mais exemplos para ficares convencida da natureza da sociedade totalmente masculina em que vivemos?

TRÊS

Sexta-feira, à noite. Sem se importar com a hora, Nha telefona-me:

- Ouvei dos teus amigos que na próxima semana vais à Mutarara. Será em busca da paz interior ou tás a fugir de algo que não consegues interiorizar ou encarar?

- Vou em busca da imagem primária, do verdadeiro eu que deve andar à solta naquela terra apunhalada pela guerra e pelo ódio humano.

- Leva-me contigo!

- Não é justo isso que tás a pedir-me. Tens uma relação a consolidar, uns sonhos a concertar, um tipo a entender e estudar. O que há-de pensar o teu novo namorado se ouvir que saíste comigo? Oh, moça, ainda que sintas o fogo do ódio e angústia dentro do meu peito, não serei eu a jogar o jogo de muitos. Fica onde tás e deixa-me com o cheirinho do amor que ainda fertiliza a minha imaginação. É uma coisa certa, Nha: deixemos de nos alimentar com falsas ilusões!

- E achas justo deixares-me na estrada abandonada como uma criança órfã?

- Duvido que sejas essa criança sem família. O teu problema é não queres aceitar que o amor assemelha-se a uma taça fina de champanhe, que pode transbordar e esvaziar-se. O nosso, no lugar de esvaziar, quebrou-se.

- Tu é que pensas que se quebrou.

- E não estará?

- Mesmo que esteja, à luz da ciência moderna, podemos recolher os pedaços e voltar a refazer a tacinha.

- Não estaria em condições de usar uma taça igual a essa que imaginas.

Concentro-me nas suas atitudes. Ponho toda a minha energia intelectual e, à minha maneira, tento entendê-la: como é que é

possível essa mulher gostar concomitantemente de mim e do seu novo namorado, se bem que o compartimento afectivo é um e único? Como é que ela conseguirá viver dois, três ou mais amores, se apenas é uma única coisa existencial?

Essa análise lembra-me uma conversa com Rauis, meu professor de História Universal e Filosofia, aquando da nossa viagem de estudo a Songo-Tete, há sete anos atrás.

“Tchombe, há tantas teorias sobre o amor, a mulher e o homem. Estes três elementos formam um triângulo interessante, cujos lados merecem estudos bem aprofundados.”

E no seu jeito filosófico, traçou um triângulo, cujos vértices eram HAM (Homem-Amor-Mulher).

“Para facilitar a demonstração, imagine-se que seja um triângulo rectângulo, cuja hipotenusa é formada pelos *HM*. Se aparecer nessa relação um(a) amante, essa constituirá a altura desenhada a partir do *HM* ao ponto *A*. Apelidemos a essa altura, i.e., amante, de ‘*a*’. O lado *Aa* dividirá o triângulo original em dois triângulos inferiores, que são *HAA* e *aAM*. Cada um desses triângulos representa a mulher ou o homem, em casos de ter amante. Na lógica filosófica, os triângulos que se formam a partir do já existente são os mais fortes e mais explosivos emocionalmente. Eles constituem aberrações às leis sociais, mas não às da natureza humana.

A partir da figura acima proposta, o triângulo *HAA* ou *aAM* é mais forte emocionalmente que o original - *HAM*. Nessa análise, há que se abrir um parêntese: enquanto que um homem pode amar uma outra mulher sem deixar de amar a sua própria esposa, para a mulher passa-se exactamente o contrário. A partir do momento em que se envolve com uma outra pessoa, o marido deixa de ser o foco das suas atenções emocionais e, evidentemente, é passado para trás. A natureza feminina não é dada a partilhar o seu íntimo de igual medida, amando duas pessoas ao mesmo tempo. Há casos em que,

embora goste muito do marido, ela tem um amante. Uma possível explicação é: o amante pode não passar de um simples refúgio, de uma necessidade ou de um complemento de qualquer falta caseira. Em todo o caso, os amantes, no seu geral, são mais fortes que os amados. O acto de se amantizar, por constituir uma aberração às leis sociais, provoca emoções muito fortes na vida dos sujeitos. O homem, adepto do místico e mítico, vê nesta busca errante e perigosa o verdadeiro sentido da vida humana. Balzac, um dos clássicos de renome, escreveu: “é mais fácil viver com uma amante do que com uma amada.”, e com certeza, ele tinha razões de sobra.

*

- Tu olhas para mim como se eu fosse uma leviana à procura de não sei o quê, Tchombe. Há quem disse em conversas que só se amava uma vez na vida. Não ousa contrariar e nem concordar. Mas será verdade que só se ama uma vez na vida, tomando esse amor como apenas paixão? Um dia, tu me falaste da alma gémea, a outra parte de nós. Será que chegamos mesmo a encontrar? E o que é preciso para a encontrar?

- Também tenho dúvidas, dúvidas e dúvidas, Nha.

- Então, se tu tens dúvidas, o que será de mim, que não possuo as mesmas leituras filosóficas que tu! Não sei se acredito ou não nos amores verdadeiros, ou seja, que Deus nos primórdios da criação do Homem, fez laranjas, cortou-as pelo meio e espalhou-as pelo mundo, e que agora, cada ser procura doidamente a sua metade complementar. Uuh, tenho dúvidas sobre isso. Para mim, o amor é um vento que sopra e passa; uma estação com dimensões imperfeitas, um gozar de um instante. O que achas, tu?

- Amor. Sei lá eu como definir esse camaleão!! Para mim, amor é uma farsa, um jogo, uma oportunidade. O coração humano assemelha-se a certos tipos de flores que só se abrem para o lado donde brilha mais forte o sol. E tu, Nha, por exemplo, abriste-te ao Borges ao sabor desse sol mítico.

- Não me venhas com as tuas filosofias tendenciosas!

- Não chegam a ser filosofias, senão resumos do que tu próprio disseste e fizeste-me entender. Amor. Ainda continuando, já não sei que nomes dar ao que tu e eu chamámos de amor. Eu só sei de amores que vivi e que de um dia para o outro morreram assim sem nenhuma explicação. Sei de amores que amei e me tornaram este poeta sentimental. A minha noção de amor, minha querida amiga, só pode ser encontrada nos instantes em que me concentro horas a fio imaginando a beleza de sonhos que já tive e que ainda insistem em povoar o meu mundo passional.

*

Por causa dessa mania de querer definições e conceitos de actos e vivências, lembro-me, um dia, de ter perguntado a Pak, a senhora que era sete anos mais velha que eu, sobre o seu conceito de amor. Faço questão de ver a sua cara. Franziu a testa e, em seguida, enrugou-a, e pouco a pouco, tapou toda a sua face.

“Tchombe, gostaria de ter pensamentos regulares, ideias coerentes, emoções lógicas, como os horários de escola, de serviço, de comboio, de aviões, das refeições dos lares. Mas não será isso pactuar com a inércia intelectual? Não sei responder, só sei que sinto uma coisa indizível quando penso em ti e estou contigo. E será isso amor (?), paixão(?) ... o que tu achas, pá?”

*

Tantas perguntas para a vida e para a natureza. Não encontro palavras capazes de dar a entender o significado real da mitologia humana. Tanta coisa inventada, tantos progressos científicos, mas ainda se está no grau zero quando se trata de compreender a essência existencial do Homem. Acho que já é tempo de se inventar um *paixonómetro*, *amorílitro* ou outra coisa qualquer que possa facilitar os homens a medirem os seus sentimentos passionais.

*

Nha e eu ainda estamos detidos no presente à procura de entendimento e reconciliação. Ela não se convence que não podemos voltar a conjugar o verbo amar entre quatro paredes ou em espaços sacros consentidos para a eternidade.

Olho para ela, ainda que imaginacionalmente, enquanto ainda conversamos telefonicamente, e digo-lhe:

- Sabes, Nha, cheguei à conclusão que nunca me amaste e nunca me amarás. Não amas a mim, mas amas, sim, o teu eu, os teus sonhos, os teus projectos, como também amavas os meus sonhos do futuro e sobre o futuro. E duvido que ames o Borges, e sei lá se o amarás. Amas, sim, os sonhos que ele imprimiu em ti quando se conheceram. Amas a posição que imaginas granjear se um dia vires a fazer parte dele.

Desliga o telefone em repúdio do que acaba de ouvir.

Horas e horas, fico um homem encerrado aqui no meu quarto, contemplando as marcas que o tempo carimbou nas paredes, repensando nos sonhos que foram apunhalados pela ambição desmedida de uma mulher, e acariciando as raízes deixadas pelos momentos felizes, que duraram até ao dia em que o Borges teve a ousadia de pilotar a minha-nossa-sua Nha.

Nha. Sei que deve estar envergonhada pela verdade nua e crua que acabei de lhe dizer, e que sempre fiz questão de a guardar comigo para o dia do juízo final. Do tempo em que namoramos, ela sempre me deu a entender que as suas vidas anteriores nunca tiveram um significado especial e merecedor para ela. Tem um ódio surdo por aquilo que passou e pela menina que foi. Nunca alguma vez ousou dizer-me quem era-fora, quais eram-foram os seus sonhos e as suas ambições. Se já me falou de orgasmos arrancados do seu corpo, foi com um desprazer total de quem nunca teve um amor feliz.

Penso no amor que vivemos. Depois de toda essa viagem

pensamental, fico com vergonha de ter passado por uma escada que a Nha usou para alcançar o seu presente.

Na hora solitária, caso-me com a minha solidão na escuridão sem nome. Invento um espaço de retiro, onde possa esquecer por um instante esta mulher diabo. Deito-me de costas, e a solidão por cima de mim. O que terá ficado em mim de tanto amar esta devassa? Agora e neste momento, sou uma estátua de pedra abandonada num quarto; um navegador perdido no mar de um quarto; um apátrida do amor e dos sonhos encerrado num quarto. Fiquei um homem incapaz de reconhecer a minha própria identidade. O tempo que era dedicado à Nhamrinje passa a ser o da morte e da regeneração, de reflexão e sofrimento. O presente torna-se-me o tempo eterno de obsessão, de nostalgia, de autocomiseração e de renúncia a tudo que possa ser início de outras enfermidades. O tempo que era de espera e de sonhos passa a ser de actualidade com a Nha nos braços do Borges a sonhar outros sonhos. O homem que tinha futuro passa a não o ter. O homem que não tinha passado, passa a tê-lo. Quando eu estava com a Nha, pensar no passado era aceitar retroceder a minha, as nossas vidas, e nisso, preferíamos pensar apenas no futuro, tempo por saborear, tempo fértil para as nossas imaginações poéticas.

Passado. Hoje só o tenho para sobreviver ao meu presente nostálgico.

QUATRO

São duas horas e sete da madrugada. Oiço o barulho do carro a parar. É a Nha. Espreito da janela para ver a pessoa que aceitou dar-lhe boleia a esta hora da noite. Fico na dúvida entre Borges e Natércia, esta última, uma amiga comum, que acha que devo perdoá-la.

- Achas que é hora ideal para incomodares os outros?
- Sei a quem incomodo.
- O que lhe traz aqui a estas horas, e assim toda feita leoa?
- Não gramei do que me disseste ao telefone.
- Se é por isso, peço desculpas. Mais alguma coisa?
- Apetece-me fazer amor contigo, como nos nossos tempos ...
- Tira essa loucura da cabeça!

Com a mania de que é dona de si e dos outros, põe a música de *Joyce Bond* - "You touch my heart". E ao som dela, encosta-se a mim e puxa-me para o palco da dança. Reparo para a sua geografia feminina. Ela está preparada para navegar ao sabor do que fomos. E agora, com os olhos, as mãos, o corpo, o convite é para o palco do crime. Tento recuar. Empurro-a. Todo o esforço é em vão. Não consigo enfrentar dois obstáculos: o meu frenesim e o cio dela. Acontece a viagem pelo mar-fundo-da-loucura. As noções do eu e do ela constanciam-se no nós da eterna saudade.

- Tenho medo que isso não nos leve para discoteca nenhum lado, Nha, e só contribua para azedar a amizade que ainda conservamos.

- Não voltes a pensar assim, Tchombe. O Borges sabe que ainda te amo, e foi ele quem me trouxe aqui.
- Qual foi a tua desculpa?
- Por favor, isso é queres saber demais.
- Imagino a mentires que eu ameacei suicidar-me caso não viesses, né!

- Foi mais do que isso. O tipo ficou com medo e não pensou duas vezes.

- Desde já, fica a saber que não vou aturar as tuas loucuras, tá? O meu tempo é do eu e dos meus sonhos. Podes me deixar sozinho, agora? Quero escutar-concentrar-me na música das minhas angústias e dos meus sofrimentos. Deixa-me só com a minha solidão, quero vivê-la de uma forma sublime e doida, Nha!

- O teu problema é querer voltar a ser de todas as gatas possíveis.

- Mesmo que seja isso, é meu negócio e de mais ninguém. Mas para te dizer a verdade, não é nada disso. Quero é libertar-me dessas emoções falsas.

- Mentas, tu!

- Nha, peço-te para saíres. *Embora-te* daqui para onde os teus sonhos têm raios solares mais brilhantes! Nunca hei-de culpar-te pelo abandono da nossa ideia antiga de sermos comparsas até à morte. Culpo-me a mim mesmo pelo facto de ter pensado que, sim, “desta vez encontrei a gata dos meus sonhos; desta vez fui cair no amor certo, no sonho feliz, na pessoa decidida”. Fodas! Acabava exactamente de encontrar mais uma daquelas que se guiam por princípios que não constam na minha filosofia sócio-moral.

- Tás sempre a ferir-me. Não é possível termos uma conversa decente como no antigamente?

- Duvido. Farias um grande favor se te fosses embora, quero dormir, Nha.

- Eu gostaria que voltássemos a nos entender. Tive um caso passional, tudo bem, e tu fazes disso um crime imperdoável. Será que sou a única mulher infiel neste mundo? Tu mesmo, a quantas amigas já ajudaste a enganar os maridos, os namorados? Já imaginaste uma delas ser eu?

- Nem me interessam essas imaginações, minha *adorada* amiga. De uma coisa deves saber: o meu problema não reside na tua paixão pelo Borges; é da dúvida que existia em ti quando voltei donde eu estava. Tu não sabias com quem ficar, e se não estou em

erro, tás aqui para tentar a tua sorte, enquanto doutro lado tudo está bem. Tu achas que sou dos tipos que ficam na bicha passional? E a outra coisa é que viraste uma grande mentirosa que nunca hei-de suportar. Pouco a pouco foste deixando de ser aquela filósofa que sabia meter os pés nos lugares certos. Admiro, agora, a tua incongruência emocional, a tua libertinagem ...

- Como assim?

- Não soubeste balancear as tuas ambições, Nha. E há uma lição que não tiveste em conta nas tuas aventuras: qualquer moça que namora com um homem público como eu não tem vida privada. Tudo o que fizer é registado, e até por pessoas desconhecidas, e essas fazem chegar a informação ao interessado de uma forma anónima.

- O que queres insinuar?

- Tu pensavas que o teu caso com o Borges fosse muito secreto. Que pena!, toda a cidade do Maputo já sabia do caso, incluindo os lugares que frequentavam, as esquinas dos beijos, e até os gritos orgásmicos arrancados em ti na praia da Costa do Sol.

- Mentese!

- Se achas que estou a mentir, fica na tua inocência. Lembras-te do dia em que fizeste amor na praia, por volta das vinte e três horas, e um velho marinheiro cobriu-vos com a rede de pesca? Recordas-te do acidente que tiveram na via Namaacha-Swazilândia, por causa de um gato preto no meio da estrada? Lembras-te do almoço que tiveram no Hotel Libombo, numa sexta-feira, e na hora de pagar as contas, o teu fulano descobriu que não tinha nem umas quinhentas no bolso, e um branco holandês pagou por vocês, e mais tarde tu tiveste um caso com esse tipo, que era uma forma de agradecer o gesto?

- Tu és um safado, Tchombe. Afinal, na tua ausência, montaste polícia para espiar os meus passos?

- Até que gostaria de ter feito isso, mas não me recordei de o fazer, numa de que tu eras uma mulher incapaz de me trair. Mas como as pessoas gostam de mim, não se importaram de me ferir, contaram-me todas as tuas falcatruas. E queres ouvir mais?

- Chega!!!

Na altura em que começa o romance Nha-Borges, eu estava no Zimbabwe, num curso de inglês de um ano. Na primeira semana do terceiro mês da minha estadia, comecei a ter sonhos esquisitos. Primeiro, sonhei a fazer amor com a irmã mais velha da Nha. Esse sonho veio a ser uma constante, até que foi substituído por um outro: a Nha a ser violada por um colega de turma, em plena aula de inglês. O professor, atónito, deu por terminada a aula e mandou todos os alunos saírem da sala com a excepção da Nha e do tal colega. Esses dois sonhos, a um dado momento, alternavam-se, ou aconteciam na mesma noite. Na sexta-feira da primeira semana do terceiro mês da minha estadia em Harare, fui à cama mais cedo que o habitual. E foi nessa noite que sonhei com a Nha a chorar e um tipo em frente dela, ajoelhado a lamentar: “Um dia, tu também me abandonarás, como abandonas o Tchombe, e se eu conseguir sobreviver ao teu abandono, se não morrer, tu pensarás que essa é a prova da minha falta de amor. Peço-te, Nha, para não me abandonares, que eu hei-de assumir todas as consequências desta relação ...”

Lembro-me que quando acordei escrevi no meu Diário tudo o que tinha sonhado, incluindo o discurso do seu pretendente, dirigido a minha Nha. Inspirado por esse sonho, depois de tudo, ainda naquela noite, escrevi: “Há paixões bruscas. Acabam de modo tão violento e rápido como começaram.”

Na manhã seguinte, telefonei-lhe. Nha não estava em casa. Dúvidas apossaram-se de mim, e somadas aos constantes sonhos esquisitos, a triste ideia de uma catástrofe afectiva implantou-se em mim. Tudo isso tornou-me um homem triste e sem vontade de nada. Vivi um certo tempo num mundo cheio de dúvidas e desconfianças. Para me acalmar de tudo isso peguei num dos romances de Cristina Peri Rossi e bebi as suas filosofias sobre o amor. Enquanto estava mergulhado na leitura, houve um telefonema anónimo, que me informava de que a Nha, minha namorada, estava na África do Sul,

com Borges, no Concerto Musical da Whitney Houtson.

Foi uma surpresa para mim saber disso, e logo de uma voz desconhecida. Pensei no Borges. O fulano já viera à minha casa acompanhado da Nha para umas explicações de português. Como é que ele teria essa cara de pau de passar-se por um amigo, enquanto estava a jogar o jogo de muitos corneadores que se passam por amigos?

A informação provocou um choque tão violento, que me deixou uma semana inteira sem apetite. Fiquei um tipo medroso, sem saber que decisão tomar. Tinha medo de tudo o que aconteceria, e até medo da minha própria integridade afectiva para com os possíveis enamoramentos futuros. Pensei em deixar a Nha, como a única maneira de me libertar da dor. Mas quando pensava nisso, logo em seguida tomava uma decisão contrária: amá-la como ela era: altiva, caprichosa, egoísta, orgulhosa, exigente, irritável, vulnerável e narcisista.

Duas semanas depois, numa coragem que não consigo classificar, hoje em que escrevo isso, telefonei ao Borges, a avisar-lhe que eu já sabia de tudo.

“É o Sr. Borges? Falo-lhe de uma cabina pública, daqui de Harare. Só queria dar-lhe a saber que eu já sei que o senhor anda com a Nha. Se você gosta dela da mesma maneira que eu, prepare-se para ficar com ela para sempre; mas se está apenas a brincar, dessas aventuras que todos nós, os homens, temos, faça o favor de se retirar, e...”

Uff, respirei fundo. Depois do telefonema, senti-me liberto de uma angústia inominável, de um peso inclassificável. De um homem livre que detestava a sua liberdade, passei a ser um poeta que não aceitava mais ser sonho de alguém, senão a sua própria fantasia, o prolongamento do seu próprio sonho, o seu próprio futuro.

Para me consolar da minha tragédia, pensei nos homens que amaram e que depois da separação não proclamaram a angústia como uma maneira de estar no mundo. Os tais homens seguiram em frente e encontraram outros amores felizes e históricos. Pensei naqueles que antes de mim amaram a Nhambrinje e, depois da separação, em vez de se meterem nos caminhos de procura, ficaram

sentados a reflectir o abandono, a serem fiéis à dor, e a inventarem formas-e-maneiras de ainda continuarem a amá-la.

Recordo-me do Bocris, um moço que foi namorado da Nha. Quando soube que eu era o novo namorado da sua paixão, veio confessar-me como forma de reviver o seu amor:

“Admiro-te, Tchombe. Fui namorado da tua namorada. A nossa separação foi penosa para mim. Sinto-me injustiçado. Guardo uma dor, que não é de vingança ou ódio. É apenas uma maneira de ainda estar em contacto com a mulher que tu amas. Sei que tu a tratas por Nha. Eu a tratava por Ge. Ge de gema de ovo, de germe, de género humano, de gémeos, de genial, e de muitos outros gêns. Nem sei quando é que comecei a mitificar esse nome.”

“Tu tás mesmo louco por ela, Bocris!”

“Foi o primeiro e, quem sabe, o último amor sério que vivi até ao momento. Sem a Ge, aliás, Nha, sou um homem triste, como vês, solitário, melancólico, apático, abúlico, lânguido, sentimental, ...”

“Não podes ser assim, homem. A vida oferece muitas possibilidades. Lança-te à aventura, seja por atracção física, admiração, vingança, desilusão, prestígio, ciúme, ou por outro motivo qualquer! O importante, sás, é não ficares aí sentado a glorificar a dor, a perda.”

As ingenuidades de quem ama, muitas vezes, são aborrecidas para quem as vê e escuta. Diferente de Bocris, sou daqueles que comunga da filosofia de que a falência de um amor, em vez de nos levar ao ódio, nostalgia, ou a uma outra coisa qualquer ruim, deve levar-nos ao reencontro do nosso eu tantas vezes não auscultado; a criação de símbolos e fantasias, que nos ajudem a viver-sobreviver o presente; ao imaginário, onde a existência é transformada continuamente em poesia e sonhos. Há muitas portas para a vida. É preciso experimentar assassinar a pessoa de que estamos tão apegados, e tentar viver a experiência da solidão, na falta de alguém que nos possa tirar do desespero e da morte.

Eu soube ajudar ao Bocris e aos outros a ultrapassarem as suas crises passionais, e agora, quem é que ajuda a mim?

*

Faltavam-me apenas dias para voltar a encarar a verdade frente-a-frente. Não sabia o que faria no primeiro dia do meu reencontro com a Nha. Mil ideias assaltaram-me. Mil decisões misturaram-se. Dentro de mim haviam muitas vozes à procura de espaço e razões para o sim e/ou o não da situação que se me apresentava.

CINCO

Sexta-feira. Dezanove horas e ene minutos. Estou no aeroporto de Mavalane. A única pessoa que está à espera de mim é a Dora. Falamos sete dias antes, e disse-lhe que não informasse a ninguém da minha malta que eu estava de volta.

- Mas Tchombe, tens a certeza de que sou a única pessoa a saber que voltaste?

- Absoluta.

- Mas acabo de ver a tua namorada, há uns quinze minutos atrás aqui no aeroporto, com um ar de quem queria se informar da tua chegada.

- Estava sozinha?

- Não me interessei assim muito pela companhia dela, mas me pareceu que estava com alguém que já vi em tua casa, um dia, a receber explicações de português.

- Já o conheço. É Borges.

- Sim, é o fulano. Agora, diz-me, vais para a casa, ou vais fazer a loucura que me disseste pelo telefone?

- Antes de me decidir, diz-me o que sabes das tratantadas que a Nha andou a fazer na minha ausência.

- Que dados queres mais, para além dos que andam de boca em boca, e que logo amanhã terás oportunidade de ouvir? Sabes, Tchombe, depois da nossa decisão de sermos tudo, menos marido e mulher, de todas as tuas pitas, a Nha mereceu um respeito tão especial, que me era difícil odiá-la, mas agora ela vai merecer a minha indiferença.

- Fala-me das bocas, Dora.

- Até certo ponto deixam de ser simples comentários. Ela não foi discreta, e fez tudo à luz solar. Ela precisa ainda de tempo para ser mulher com respeito próprio.

- Queres com isso dizer-me que o Borges é de conhecimento público?

- Tchombe, vamos deixar isso. Vai para casa, e lá terá todas as informações da boca dela.

- Não, não vou para casa, quero hospedar-me num Hotel qualquer. Ainda não estou preparado para me encontrar com ela.

- Porquê é que vais te maçar assim tanto, se podes resolver o problema ainda hoje ou amanhã?

*

No dia seguinte, pelas nove horas, telefonei ao Borges. Não estava em casa. Segundo a esposa, ele tinha ido ao serviço, ainda que fosse um sábado. Telefonei a Dora. Esta veio.

- Quero que me acompanhes ao serviço do Borges.

- Hoje, sábado?

- Sim, o tipo tá lá, talvez com a Nha.

*

Com a Dora, fui ao serviço do Borges. O guarda, na sua inocência, informou-nos:

- Ele está lá em cima, mas disse que eu deveria dizer aos que lhe procurassem que não está.

- Ele está sozinho?

- Para quê todas essas perguntas, menino? O chefe quando diz que não está, é preciso respeitar as ordens.

Pensei em subir à força, e procurar pelo seu gabinete, mas achei que era uma atitude indecente.

- Sr. guarda, tenho um assunto muito sério a tratar com ele. Pode telefonar-lhe e informar que alguém quer falar-lhe?

- Menino, eu já disse que ele não estava. Se eu perder o meu emprego, você vai alimentar a minha família?

- Okay, vou esperar até ele descer.

- Uuh, mas aqui não!

Da relutância do guarda, qualquer coisa me dizia que Borges não estava sozinho. Tirei do bolso cinquenta dólares e estendi-os para ele, numa atitude lúcida de o subornar. Ficou com os olhos vermelhos e a garganta apertada. Entre a nota e eu, o velho não sabia onde fixar o seu olhar, a sua concentração.

- Se me disser com quem está o chefe, este dinheiro pode ser seu.

- Não estará a brincar?

- Estou a falar à sério, Sô guarda.

Nessa atmosfera de suborno/não suborno, ouvimos vozes de pessoas a descer pelas escadas. Uma delas, eu tinha a certeza, era a voz da Nha. Dei um sinal a Dora para se esconder, e eu, com a ajuda do guarda, fui obrigado a entrar debaixo da mesa, que era para não ser visto. Vi os dois a passarem abraçadinhos, como se constituíssem um par oficializado pela sociedade. A Nha trazia até as meia-botas que eu lhe havia enviado de Harare, e o relógio que lhe tinha oferecido na minha despedida.

*

Meteram-se no carro e perderam-se entre as avenidas do grande Maputo adentro.

A Dora veio.

- E agora, o que é que vais fazer, Tchombe?

- Não sei.

- Foste visto?

Em vez de ser eu a responder, foi o guarda a garantir que não tínhamos sido vistos.

- Quero perseguir o cabrão e acabar com esse pesadelo para sempre.

- Não acho ser uma boa ideia. Agarra uma calma, e bem vistas as coisas, tu não tens nada a tratar com o teu rival, senão pedires contas à tua namorada.

O guarda atónito e atento à nossa conversa, apercebeu-se de tudo o que se estava a passar. A sua arrogância desapareceu, e como quem não quisesse ser entendido por qualquer um de nós atirou uma frase em inglês: *“The money is the root of all evil”* e para ser fiel ao seu pensamento, devolveu-me os cinquenta dólares que préviamente tinha aceite.

- Agora entendo a sua aflição, e esse dinheiro pode ajudar-te em outras coisas. Admiro a tua coragem, que casos desses, há quem resolveria com pancadaria, ou mesmo com a morte. Não te conheço, mas mereces a minha mais alta admiração, menino. No teu lugar, nenhum homem esconder-se-ia da própria namorada, esta apanhada em flagrante delito com um corno. A tua reacção perante tudo isso é sinal de que queres levar as coisas de uma maneira pacífica e civilizada.

Ficamos, ali, a conversar como dois irmãos de longa data. Deu-me informações preciosas e chegou a dizer-me que até conhecia a minha casa, porque muitas vezes, o chefe mandava-lhe para a casa onde vivia a Nha, que é minha, para dar recados ou entregar prendas.

*

Senti a dor a dominar-me. Todas as teorias de sobrevivência e de tolerância desmoronaram-se. Pensei na Nha e no Borges. Senti o medo de não conseguir encará-los com frieza, embora teoricamente me achasse capaz disso. A Dora puxou-me para o carro.

- Não estou a reconhecer-te, Tchombe.

- Nem eu a mim mesmo, Dora. Quando penso que depois de ti, entreguei-me àquela cabrona, dei-lhe a origem da minha vida e da minha esperança, fico sem saber para que vale o amor entre um homem e uma mulher! E o pior de tudo isso, ela quebrou com todas as minhas amizades, ficando só ela, a minha amiga de extrema confiança e, claro, namorada de eleição, que metia inveja a muitos.

- Tu tens as definições de todas as dores de amores. Tenta encarar o que aconteceu como um ponto benéfico para o teu próprio crescimento. Faz da dor, aliás, tu é que me ensinaste que a dor torna-

nos outros seres capazes de demolir obstáculos impensáveis.

A sociedade. A dor duplicava-se exactamente quando pensava na sociedade. Ela olharia para mim como um cornudo que não soube defender a sua própria namorada.

- Oh, Tchombe, isso será uma coisa de pouca dura. A sociedade não tem memória colectiva. A história apagar-se-á e viverás a tua nova vida sem esses pesadelos.

- Mas a minha memória individual permanecerá para sempre. É-me difícil apagar o que vivi com esta moça, a ponto de a transformar em minha referência poética. Fiz questão de dizer ao mundo que a Nha seria a minha costela, o meu papel, a minha almofada. Agora que tudo vai acabar, que outra imagem inventar para ser a minha nova Dora? Que outra Diana poderá aparecer para me fazer esquecer dos amores melancólicos que vivi, das bofetadas passionais que recebi?

Já não me recordo para onde é que fomos naquele sábado. Eu estava tão desesperado, que não conseguia pensar direito. Na vida podemos pensar que amamos esta ou aquela moça, mas sente-se o verdadeiro fogo na ausência do objecto amado. O verdadeiro amor mede-se pela ânsia que sentimos quando não estamos ao lado dela. Quando ela não está, e se de facto a amamos, sentimos como se uma parte de nós estivesse amputada. A parceira chega a ser água, ar, fogo, verbo ou outra coisa vital qualquer. Essas comparações passam despercebidas quando se está ao lado dela, sentindo o cheiro, ouvindo a voz, abraçando o objecto. O tempo de presença não é o do pensamento, é o que vivemos continuamente abraçados à jóia amada, e não temos em conta a duração de cada acto. Cada olhar ou gesto dirigido à pessoa amada chega a superar a frase, o pensamento, aliás, o olhar e o gesto chegam, afinal, a consubstanciar-se no pensamento. A ausência atormenta. Ela recorda constantemente ao amado que uma parte de si está solta e há toda uma viagem imaginacional e pensamental que supera uma relação sexual. A ausência faz do amor uma fonte vital de quem ama.

No caso em que estou metido, o da separação, que não é

mais do que a ausência, toda a dor tem uma intensidade infernal que ultrapassa a de uma tortura física. E a imaginação das horas sublimes do nosso passado tem uma doçura incalculável que ultrapassa a magia de um coito.

*

Quinze horas da Terça-feira. O guarda indica-me o andar e o número da porta do gabinete do seu chefe, e faz questão de sublinhar que, caso me pergunte, devo dizer que subi sem ser visto.

Bato à porta. Mal entro, o auscultador cai-lhe das mãos e, ele, o Sr. Borges, levanta-se como quem está diante de um chefe, e fica com os olhos espantados, sem querer acreditar que era eu naquele momento a querer um diálogo face-a-face com ele. Estou calmo, e muito calmo mesmo. Do auscultador ainda se ouve uma voz a gritar: “Tá-tá, oh, Borges, não tás a ouvir-me...” - e apercebo-me da voz da Nhambrinje.

- Vai desculpar-me, Senhor Borges, vir sem lhe ter avisado, é que tinha que vir mesmo. Pode terminar de atender a sua chamada, que não estou com pressa.

Pega no auscultador, e sem querer saber se a pessoa continuava ainda na linha, desliga-o.

- Então, Sr. Tchombe ...

- Sim, Sr. Borges, cá estou para uma conversa de homem para homem, para um possível entendimento entre nós os dois.

- Não o esperava assim...assim... (e as palavras iam-lhe morrendo e, num instante deixou de ser aquele *Boss* com *power* para pôr-me fora do seu gabinete ou chamar o homem de segurança para me retirar à força, acusando-me de violação do seu espaço, ou de abuso de autoridade, para ser apenas um homem com os seus medos e fraquezas).

- Não acho que deva haver formalidades entre nós, já que nos conhecemos. Vim cá para lhe falar da nossa-minha-sua Nham-

brinje. Gostaria de saber qual é o seu plano com ela.

- O Sr. é que é namorado da moça. Depende de si para ver o que eu faço.

- Lembra-se do telefonema que lhe fiz quando ainda estava em Harare? E gostaria de saber da sua posição, neste momento.

- Ambos gostamos da moça. A minha única opinião é de que devíamos dar tempo a própria moça para escolher com quem de facto ela quer ficar.

- A ponto do Senhor propor-me o que acaba de dizer, significa que está confiante na vitória-pertença, né?

- Não é bem assim como pode parecer. Sou mais velho do que o senhor, e ao longo da vida, aprendi que as questões passionais são tão complicadas que não merecem coacções e lógicas. Gosto muito dela, cheguei a prometer dar-lhe tudo aquilo que estiver ao meu alcance. Mas quando analiso o comportamento dela, sinto que ela ainda está entre duas paixões.

- Muito obrigado pela confabulância. Com toda a sinceridade, não esperava de si um acto e um discurso tão egoístas e, falando sinceramente, entristece-me essa maneira engraçada de decepar sonhos dos mais jovens. Não sei se é do amor ou das condições que fazem com que o senhor esteja na lista afectiva dela, mas o tempo dirá...

- O que é que eu posso fazer, menino, se o amor é como política: ganha quem promete mais, mais e mais, mesmo sabendo que tudo isso não passa de promessas vazias de quem quer ter a coisa-o-lugar de mando?! Põe na tua cabeça, senhor Tchombe, que nesta praça, nenhum amor sobrevive sem a base material. Gosto dela e pagarei os números que estiverem ao meu alcance.

- Acho que a partir do seu discurso, não preciso de dar tempo nenhum à Nhambrinje para se decidir. Fica com ela, que eu aceito a derrota.

- Sr. Tchombe, conversa primeiro com ela. Eu não quero estragar a vossa relação.

- Obrigado pelo conselho, mas eu é que não quero estra-

gar os sonhos dela. Antes de me ir embora, gostaria de lhe dizer o seguinte: por detrás da beleza de uma mulher está um Homem a investir. Esse Homem pode ser o pai, a mãe, o namorado, o irmão, a irmã ou uma outra pessoa qualquer. Será que o senhor pensou no sacrifício de um desconhecido-conhecido, que sou eu, em fazer da Nha uma estrela?

- Eu também, movido por interesses mais nobres, já investi em muitas garotas, ajudando-as a serem estrelas, para no fim da caminhada serem os outros a vangloriarem-se de terem tido sorte de apanhar moças de sociedade. E a partir dessas experiências vividas, cheguei à conclusão de que nem sempre quem investe é quem se dá ao luxo de colher os frutos. *C'est la vie, mon ami!*

SEIS

Na mesma tarde em que falei com o Borges, fui à casa. Encontrei a Nha a ver um filme. Mal me viu, levantou-se, correu e abraçou-me. Correspondi aos seus gestos, e como quem não sabia de algo algum, convidei-a para um banho conjunto. Reinava em mim a calma que só os deuses sabem classificar, enquanto os gestos da Nha, não querendo exagerar, eram todos eles matemáticos. Na expressão facial, nas suas linhas invisíveis de mulher, estava pintado um medo e parecia estar preparada para receber uma bofetada ou coisa pior.

- Parece-me que não estás à-vontade, Nha, o que é que se passa?

- Não estou à-vontade? É impressão tua.

- Esperava por loucuras, daquelas que já experimentamos em ocasiões diversas, sempre que eu voltasse de alguma viagem. Onde está aquela fome passional que sempre te caracterizou, oh, menina? Lembro-me quando voltei de Singapura, do Quénia e do Malawi. Tu quase que me devoravas. Mas hoje tás aí, como quem não pode ser mais do que tens sido nessas circunstâncias. O que é que se passa?

Saiu violentamente da casa de banho, e foi se limpando até ao quarto onde estava a ver o seu filme.

Segui-a.

- O que é que se passa contigo, Nha?

Olhou-me com os olhos graves, e pôs-se a chorar. E numa voz entrecortada ...

- Tás aí todo sério e inocente como se não soubesses de nada, ... não te apetece explodir, bater-me, ou mesmo me matar?

- De que tás a falar, oh minha deusinha?

- Não sejas cínico, Tchombe. Tu sabes que tive um caso com Borges, e a tua reacção é essa?

- E o que é que tu querias que eu fizesse, ao saber que nadavas nas ondas passionais do teu colega de carteira?

- Tudo, menos essa indiferença.

- A minha indiferença é a melhor resposta para a coragem que tiveste de te meter com um tipo que foste capaz de trazer à minha casa para explicações, numa de que era um simples colega de escola, enquanto, afinal, era mais do que isso.

- Tu és mesmo um tipo misterioso ...

Uma onda de revolta e ódio apossaram-se de mim. Fui ao quarto, saquei num cinto e, lembro-me de a ter batido com uma força brutal, que hoje, quando faço revista do tal acto, aliás, logo no mesmo instante, vendo-a a chorar como uma criança, abracei-a e jurei nunca mais voltar a bater alguma mulher em protesto de uma falha qualquer que seja. Em seguida, como que atraídos por um espírito fora dos nossos alcances, os nossos corpos penetraram-se durante uma eternidade memorável.

*

- Eu sei que tás a proceder desta maneira que é para te vingares e mostrares-me que eu não passo de uma leviana, capaz de ir à cama contigo e com o Borges.

- Falas-me de coisas que não me interessam, porquê, eih, Nha?

- A tua indiferença chateia-me. Quando chegaste, disseste que os meus gestos eram matemáticos. Afinal, são todos os nossos. Queres agir de forma a não teres culpa. Queres agir de forma a não me ferires. Mas o fim de tudo isso é deixares-me, e se possível na hora imprópria. Mas peço-te, Tchombe, a paixão que sinto por ti é fornicante, possessiva, doentia. O meu caso com Borges fez-me despertar a paixão, o amor que tenho para contigo. Borges foi um grande teste para mim, e a partir dele, apercebi-me de que, mais do que nunca, amo um homem, e esse homem és tu, Tchombe. Eu quero ficar contigo para o resto da minha vida!

Amor. O que será o amor sem que se obedeçam certos esquemas sociais? O que será paixão, sem que haja confiança entre os sujeitos?

Ficamos uma eternidade de horas feitas minutos. Inventamos hipóteses e sonhos. Retemperamos destroços de saudades e viajamos para os mesmos lugares de ontem, antes de ontem. Vieram as ondas de emoções, as re-conficções e as verdades ainda não reveladas. A conversa ganhou campo. Revieram as confissões e súplicas. No seu olhar havia a mistura de medo e esperança. O seu corpo estava a tremelicar e a vibrar ao compasso de uma possessão demoníaca. Deitou-se sobre o meu corpo. Livrou-se das vestes que ainda possuía. Pediu um beijo, uma carícia. Queria chuva. A chuva molhante no interior-corpo de mulher. A temperatura corporal aumentou. Veio a tempestade e, sem remorsos, Nhambrinje queria a violência primitiva, a essência de todo o acto humano.

Reolhou-me com os seus olhos achinesados cheios de orgasmo, que pareciam traduzir um pensamento narcisista - “Amor sou eu!” e, nos lábios, ainda com a língua entre os dentes, reconvidava-me para a viagem ao seu fundo-mar-de-mulher.

Reolhei os seus olhos. Ah, essa mulher era a descendente dos deuses; uma modelo a ser conhecida por todos os que procuravam e não encontravam uma beldade semelhante. Povoou-me a convicção antiga de que o verdadeiro amor nascia e renascia sem palavras, e esse mito, enquanto imagem de experiências, envolvia a reminiscência de um amor universal primeva.

Sim, Nha era um mito. Um mito dado como verdadeiro. Nha era uma deusa, descendente das deusas. Havia nela algo que precisava de ser descoberto. E nisso, precisei de procurar em cada gomo do seu corpo, do seu desporto, uma marca que se a identificasse.

De repente, fiquei na bívica pensamental: se Nha era uma Deusa, como a concebia, não podia ser só minha pátria. Não a sendo, eu não devia privá-la da sua liberdade de se dar ao mundo, de nadar nas ondas das suas emoções, e de se prostituir em pensamentos e acções-actos.

*

Lembranças antigas voltam à memória. Pensamentos sobre a Nha insistem em intrometer-se na página afectiva apunhalada. Sinto uma saudade do que fomos e do que teríamos sido se o Borges não tivesse aparecido na sua vida.

“O verdadeiro amor é caro, só acontece uma vez na vida.” Será que esta frase tem ainda validade, depois de tudo isso que aconteceu comigo? Penso nas viagens passionais, nas mulheres que tiveram a chance de ouvir de mim a frase, ainda que entrecortada: “Amo-te.” Ah, não, o amor acontece tantas vezes quanto pode. Cada mulher que nos aparece na vida forma um triângulo específico sem apagar os existentes. Cada comparsa tem o seu compartimento afectivo dentro deste coração sedento.

Estou condenado a ter fé no amor, ainda que este conceito se defina segundo o que vivi. O amor que estremece corações e deixa um tipo à rasca. O amor que os poetas cantam e se o encontram é só no instante da conjugação dos seus verbo-versos.

Pego no meu Diário de anos idos, e leio:

“Um dia amei. Pensei que era amado. Um dia, ela se foi embora, deixando-me solitário ao cuidado da minha poesia. Para evitar outras dores, e tendo em conta que a alma humana compara-se a uma flecha, decidi ser de todas, que era para não ser de ninguém.”

Releio. Tresleio e tetraleio o pensamento de cinco anos atrás. Depois de conhecer a Nha, lembro-me, foi o assumir de uma prisão voluntária e o abandono da promiscuidade. E hoje, de novo abandonado, não tenho outra decisão senão voltar a ser o que decidira ser anos atrás: reacender a fogueira do meu coração para crepitar onde for necessário.

Como quem quer se recordar de lugares sacros com a Nha, vou à Namaacha procurar nas Cascatas os estilhaços da nossa paixão, e entre os arbustos que um dia assistiram aos nossos espasmos passionais, a essência do amor-vida-seu corpo de mulher, releio os poemas

dessa fase escritos nos troncos das árvores que, por sinal, ainda resistem a todas as tempestades da vida-morte-tempo. E me lembro com gosto e orgulho de uma tarde amena quando decidimos fazer amor naquelas rochas, sentadinhos, sob o olhar de turistas. E um tipo feito polícia veio incomodar-nos:

“O que é que vocês estão a fazer?”

“Amor. E há algum mal nisso em que duas pessoas que se pertencem saboreem a sua loucura nos sítios que acham apropriados e mágicos!?”

“Será que vocês não têm vergonha desse vosso acto em pleno dia?”

“Pena de si, senhor, que só sabe celebrar a loucura humana primitiva às escuras. Experimenta essa sensação à luz do dia e nos lugares apelidados de inapropriados!”

*

Penso no fim. Quero o fim de toda esta maratona passional. Sei que podia propor-me ao suicídio. Todo o fim de um amor vivido e abraçado com sonhos postos na balança do futuro acarreta consigo muitas vezes o sacrifício da vida de quem é lesado. Os que se atiram, se suicidam, esses serão fortes ou fracos? Terá sido fraco o Tombani que interrompeu a sua vida aos vinte e sete anos, por ter descoberto que a sua amada não passava de um porto de muitos marinheiros? Terá sido forte o Artur, que preferiu ignorar a infidelidade da esposa, a ponto de assumir um filho que não era do seu esperma? Terá sido indiferente o Nhamula que, ao aperceber-se de que sua mulher era amante de um puto universitário, tratou de os separar, arranjanado uma bolsa de estudos de seis anos para o moço? E como classificaria o Nhandamo, este que surpreendeu a sua esposa com um corno, e não fez mais nada que proclamar o infractor em vice-marido? E estou certo que, para além desses casos, existem muitos outros, como o de Albino Frackichone: sabendo que a namorada lhe corneava com um tipo, tratou de se vingar andando com a irmã e a namorada do corneador. E o caso

de Zeca Miranda foi o máximo para mim. A namorada meteu-se com um ministro. Zeca, apercebendo-se disso, meteu-se numa investigação aturada sobre o senhor ministro, colectando todos os dados dos seus namoricos, e numa correspondência anónima, enviou as fotografias em que este tinha saído com as amantes em situações pouco decentes ao jornal mais fofoqueiro do país, e esse publicou-as logo nas vésperas das eleições gerais. As fotografias mais obscenas, fê-las chegar à sua esposa. Isso levantou um escândalo a nível nacional, a ponto de o partido a que Sua Excelência pertencia perder as eleições, e ademais, o Senhor Ministro ficou sem a pistola genital, pois a esposa vingou-se cortando-a a sangue frio, numa madrugada sem nome, quando ele estava totalmente embriagado e a dormir um sono anestésico, e depois de uma sessão de crítica e autocrítica partidária.

Quando analiso caso por caso, todos eles merecem a minha admiração. Que importa o mundo, a vida, a humanidade, os sonhos, se a realidade abraça o vazio? Que importa o ódio, se o amanhã pode ser o apagar de todas as dores que passei?

Telefone aos meus amigos avisando-os do fim do romance Tchombe-Nhambrinje, e confio ao Joseph as últimas informações.

- Olha, Zé, deixo na estante dos livros da minha autoria um caderno intitulado LOUCURAS CONSENTIDAS, e faz-me o favor de entregar à Nhambrinje dois dias depois da minha partida.

- E quando é que partes?

- Próxima Sexta-feira.

- Mas tu tás mesmo decidido em deixá-la para sempre e riscar tudo o que juntos construíram com suor e sacrifício?

- Deixo-a formalmente, que na essência as mulheres são como certas ilhas - geograficamente pertencem a um continente, e culturalmente, a um outro. Ela, fisicamente, poderá pertencer ao Borges, mas espiritualmente, pertencer-me-á para sempre, sem a mínima das dúvidas. Vou assumi-la como ela é, que é para entender a magia do amor que me proponho estudar.

- Ainda vais te dedicar a ela, mesmo sabendo que ela te traiu?

- A pergunta merece uma resposta filosófica, Zé. Tás a falar de traição, e o que será, afinal, traição? A mulher que pratica uma infidelidade experimenta uma sensação nítida de não pertencer a homem algum, de querer sentir o prazer do vazio. Assim, Nha não foi nem mais nem menos que uma viajante à procura de si própria nos homens que encontrou e seduziu; uma poetisa com saudade de algo que não existe. Sim, Zé, mesmo sabendo que a Nha foi-me infiel, hei-de me dedicar a ela. É que o amor é essa cegueira misteriosa ainda por ser entendida. E eu, a partir do caso-Nha e de outras, quero tentar perceber o que move as mulheres a serem infiéis aos seus namorados-maridos.

*

A partir da história-Nha, chamo-me à razão e repenso nos meus amores passados, concomitantes. Lugar e lugares. O coração humano é como a terra. Há lugar para todos. Se não for na horizontal, é na vertical ou na oblíqua. Desde a existência do Universo e da raça humana, quantos homens-mulheres dormem nesta terra-mãe? E alguma vez a terra já reclamou da falta de espaço? De nascimento à morte de um indivíduo, quantas paixões-correntes eléctricas passionais já fustigaram o coração afectivo?

Fico com medo das pessoas que me amam, melhor, que dizem amar-me. Por mais que a minha filosofia seja prática - esta de que o coração comporta subdivisões que podem albergar a todas, como é que poderei dividir-me a ponto de me identificar com estas-aquelas?

Ainda que a dor provocada pela Nha não me deixe pensar, repenso nos meus amores da terra de Robert Mugabe, esses que ainda conseguem refrescar a minha memória ferida:

Cherly. Só de me lembrar dos seus olhos, fico excitado e com gana de fazer amor com essa tipa exótica. Tinha olhos eléctricos, ou por outra, mágicos, excitantes e provocadores. Todo o seu corpo parecia estar resumido nos seus olhos, aqueles olhos-lâmpada-paixão.

Quando a vira pela primeira vez em casa de um casal amigo, em Harare, ela sentada a estudar, qualquer coisa me disse que aquela tipa seria minha um dia, ainda que fosse por um instante. Antes que as apresentações tivessem tido lugar, fui cumprimentá-la, e logo esbocei uma conversa. Para dizer a verdade, Cherly foi como que uma prenda da minha estadia em Harare.

*

Mague. Conversa puxa conversa, afinal, ela já sabia que eu a caçava desde o dia em que nos vimos pela primeira vez no bar do Ambassador Hotel, em Harare. Numa das oportunidades, trocamos os números de telefone. Mas a coisa curiosa, como nenhum de nós trouxesse papel, ela aceitou que eu anotasse o meu número na palma da sua mão esquerda, enquanto eu preferi escrever o dela numa das notas que eu trazia.

- Mague, peço-te que não laves as mãos antes de transferir esse número para a tua agenda, e para ter essa certeza, seria melhor que fosses a primeira a telefonar.

- E peço-te também que não uses essa nota pagando a conta das tuas cervejas antes de transferir o meu número para a tua agenda telefónica.

Esse diálogo foi tão interessante, que acabei por a convidar a dar uns passos de dança. E de perto, senti o coração dela a pular com força, com a máxima força. Olhei-a nos olhos, e disse-lhe de caras:

- És a mais bela moça que jamais pus nas minhas mãos e, de perto, sentir o arfar do peito.

- Não sou moça, sou senhora.

- Pouco me importa. A frescura da tua beleza diz-me que és moça, e de moça te tratarei.

- Tu és muito atrevido-romântico.

- Não, apenas um observador atento. Mal entraste e sentaste-te ao lado de mim, logo pensei na Madalena de Jesus Cristo, que tentou seduzir o Senhor a comer a maçã.

Riu-se de uma forma estridente da piada sobre Jesus Cristo e Madalena, e quanto mais se ria, mais perdia o passo de dança e se apoiava no meu peito. Paramos alí no palco, a conversar e a rir, e esquecemo-nos de que tínhamos ido lá para dançar.

Passaram dois, três, quatro dias. A Mague nunca mais me telefonava. Tomei a iniciativa. Não estava. Mensagem a deixar? – perguntou-me uma voz de uma miúda. Disse apenas o meu nome e o meu número. Na noite do mesmo dia, no meu *answering machine* estava uma mensagem. Mague tinha telefonado, e não me tinha encontrado em casa. Olhei para o relógio. Eram vinte e três horas. Fiquei na bívvia entre telefonar e deixar para o dia seguinte. Movido por um impulso inexplicável, telefonei. Ela estava a dormir, mas a filha disse que a podia acordar, que ela estava mesmo à espera da minha chamada. Senti uma alegria triunfadora, a vitória a pulsar nas minhas veias. Veio atender a minha chamada. Enquanto falávamos, imaginei a sua beleza, os seus cabelos despenteados, os seus lábios finos europeus, seu busto esbelto, os seus olhos-lâmpada. Eu quize que ela viesse ver-me ainda nessa noite. Ela disse que era tarde, muito tarde. Insisti. Perguntara-me os porquês da minha insistência, sabendo que era tarde, muito tarde. Fui sincero e directo: tinha saudades dela. Riu-se. Como ter saudades de uma pessoa que mal conhecia? Respondi-lhe: “Bem, conhecer e não conhecer é uma questão de interpretação de cada um. Quando te vi pela primeira vez e travamos conversa, parecia que nos conhecíamos há muito tempo”. E ela deu-me razão. A maneira com que nos interessamos, mutuamente, foi ferosa, e isso nunca lhe tinha acontecido antes.

- Sabes, Mague, eu quero uma amizade muito especial contigo, em que nada se planifica, e as coisas aconteçam naturalmente.

Marcamos um encontro.

Mague. Entre o sim e o não de uma relação especial, um dia

entregou-se. Tudo aconteceu como uma brincadeira, e a brincadeira virou hábito.

- Há quem diga que vocês africanos nascem com a magia do sexo, é verdade isso?

- Queres provar?

- Tens a certeza de que não hei-de me arrepender? Se é só para me coçar e deixar-me sofrer, prefiro não tentar.

- Aposto que vais gostar, e hás-de te tornar escrava desse instante para todo o sempre.

- És muito convencido, moço.

- Não, sou realista, e tenho a certeza daquilo que posso fazer com uma beldade como tu.

*

E num desses dias, em que ela estava muito feliz, confessou: 'sei que hás-de me deixar depois do teu curso, para regressares ao teu país, mas apenas te digo antecipadamente, meu bem: viaja bem para a tua terra, Tchombe, mas de todos os tipos que se atreveram a lam-ber as chamas do meu fogo, tu foste a única água que as acalmou. Terei saudades de ti, e tenho medo que não encontre um outro bom-beiro igual a ti para apagar as minhas chamas internas. Viaja bem, e dou-te a nota nove sobre dez de tudo o que fizemos.

- E o um valor que falta ...

- Sim, falta um valor para completar dez, e sás porque? Nunca vi uma pessoa tão manianta como tu, mas gramei do teu jeito de ser-estar, e acima de tudo, do teu humor passio-afectivo.

*

Jennifer. Depois de umas semanas do nosso relacionamento, ela foi dizer a mãe que tinha um caso com um *black*. Essa, sem meias medidas, disparou:

“Não quero ouvir isso, minha filha, de que tás a namoriscar

esses blacks, que todos eles são mentirosos! E não sei o que anda na tua cabeça, minha filha, depois de dois maridos que te magoaram o coração, será que ainda não aprendeste que esse black é mais um que vai te ferir?”

“Mamã, Tchombe é diferente.”

“Diferente p’ra o caraças, todos eles são iguais.”

À esta reacção inesperada, Jennifer não se conteve e veio ter comigo e contou-me tudo o que se tinha passado entre ela e a mãe. Aconselhei-a a ter calma, e prometi que iria encontrar uma forma de eu, pessoalmente, falar com a mãe dela. Dias depois, pedi-lhe que levasse a mãe num fim-de-semana para um desses sítios públicos, de preferência, sítios onde se jogasse golfe, ténis ou sinuca. Ela concordou comigo e conseguiu levá-la. Mobilizei um amigo meu de Papua Nova Guiné para me acompanhar para um papo com a mãe da minha namoradilha e, assim, fomos ao Kaliba club. Estava lá a Jennifer com a sua mãe, esta com um ar de princesa e com uns modos de quem dizia *‘do not talk to me’*. Dei um beijo a Jennifer e uma vénia para ela, estendendo ao mesmo tempo o meu braço para um aperto de mão.

“Sou o Tchombe de que Jennifer já deve ter falado, e aposto que é a mãe dela.”

“Sim, sou.”

A conversa começou. Ela quis saber do meu país, de mim, do interesse que me levava a estudar Inglês no Zimbabwe e não na África do Sul ou Malawi, por exemplo; se eu era casado ou não, e por aí fora. De uma senhora que não queria certas intimidades, passou a ser aquela brincalhona que surpreendeu a filha e os restantes, na forma como conduzia a conversa, contando piadas e piadas, que nos punham todos a rir até deitar lágrimas. E por fim a senhora confessou:

“Não sei se a minha filha te disse, quando ela veio dizer-me que namorava com um...., que eras tu ... , reagi mal. Nunca tinha tido oportunidade de conversar longamente com um da tua raça, e pelas histórias que tenho acompanhado por aí, sem ter em conta que cada pessoa encerra dentro de si um mundo próprio, não importa

se é branco, preto, ou amarelo, levei-me pelas emoções, e discordei com o vosso namoro. Peço imensas desculpas, Tchombe, e tás aceite na minha família.”

“Obrigado dona Carol. Eu não esperava por essa reacção da sua parte, sobretudo quando a sua filha me disse que a senhora não queria ouvir falar de gente da minha raça. E a partir daí disse para comigo mesmo: como é que essa senhora me classifica antes de me conhecer? Bem, em tempo oportuno, dir-lhe-ei esta frase: *Mum, never judge the book from the cover. If you wanna know me, try to understand me by reading my mind, my background, my feelings, and so on.*”

“Aie!, a partir dessas tuas palavras, meu filho, sinto que tu és diferente de muitos de que se falam por aí. Tens a minha filha, e tu, Jennifer, peço desculpas pelo mau entendimento e pela decisão emocional da minha parte. Tchombe é um tipo bacana, e pelos vistos, é a soma de muitas filosofias interessantes.”

E para fechar o encontro, ela prosseguiu:

“A minha filha sempre fez barulho por tua causa. Ela quer ficar contigo. De hoje em diante, ponha isso na cabeça, Tchombe, que Jennifer é mais uma das tuas disciplinas escolares, e terás que fazer o *‘time management’* para que nenhuma delas fique prejudicada, okay!?”

SETE

LOUCURAS CONSENTIDAS

Querida Nhambrinje,

Noite saborosa e amena. Lá fora está a chover, e um vento suave acompanha a música da água a cair. Sabes como gosto destas noites, Nha! E imagino-te molhada com os cabelos penteados para a frente, tapando a tua testa. Esta noite recorda-me uma semelhante, nós caminhando à berma do mar, descalços, a sensação da chuva, frio e maresia, sem nada a temer, com a mania de que os deuses de amor velavam por nós àquela hora de loucura consentida. Tu estavas, recordo-me, com um olhar cheio de desejos intermináveis e nos lábios um sorriso infinito a abraçar o mar dos nossos sonhos.

A noite de hoje, por mais que se assemelhe a qualquer outra, é diferente de todas as anteriores memorizadas para sempre. Nesta, eu apenas te direi poemas feitos em silêncio ao compasso das incertezas que introduziste na minha vida; escrever-te-ei palavras que nunca alguma vez pensei em dizer-te.

Hoje, Nha, venho de longe, de um lugar sem nome, especialmente para um reencontro contigo e com o nosso passado, assim, por meio de palavras. A minha mensagem é única: amor. Venho falar-te do amor que sempre te dei e o mesmo que acreditei que nos ligava para a vida-e-morte.

Como já havíamos conversado, amanhã vou à Mutarara. Os motivos, tu bem sabes. A carta chegar-te-á no domingo, quando eu já estiver longe de tudo, que é para evitar as tuas loucuras de querer quebrar o que já iniciaste. Vou lá ficar horas a fio à procura de consolação e harmonia interiores; horas sem noção de amor e tristeza, adocicados com a sensação doce-amarga de instantes pretéritos sem adjectivos. Desse presente, quero ver se consigo libertar-me desse passado que, afinal, não passa de um amontoado de pensamentos

tristes e azedos, deitar abaixo essa escuridão de incertezas que se apossa dos meus sonhos.

Fomos o que fomos. Trago ainda no pensamento o perfume daquele resto de amor que insistes em dar-me.

Eu e a minha memória. Ah, a minha memória, hoje, é como uma casa tenebrosa habitada pela escuridão da vergonha. Entre aceitar e recusar as evidências, prefiro passar-te o cheque da liberdade. Sei de antemão que o preço dessa liberdade pode ser o da morte, ou o de uma noite feliz, e mil outras infelizes, ou de realização máxima dos teus desejos ocultos de mulher. Que importa(!), é o preço humano da ilusão que escolheste.

Um dia amei e fui amado pela Alinta. Um dia ela quiz a sua liberdade. Pensava que a estação passional seguinte facilitar-lhe-ia tudo num abrir e fechar de olhos. Pena, essa sensação de liberdade que a Alinta imprimira à sua vida foi a sua própria desilusão até à morte. Acabou, afinal, por encontrar tudo em troca do pesadelo existencial: se amava o homem com quem estava, o certo é que não aguentava mais nem por um segundo fingir que o amor anterior era o mais forte. Resultado: viveu apavorada até ao dia em que pronunciou no estado de inconsciência a frase que ficou célebre: “Existe um homem que podia ser meu marido e eu ser feliz. É pobre, mas afinal, na sua-nossa pobreza éramos mais felizes, que vivendo nesta abundância que me recorda constantemente a diferença entre os homens. Se voltasse a viver, preferia a pobreza do Tchombe que esta riqueza que me atrofiou os sonhos, a vida.”

Talvez me perguntes, Nha: para quê escrevo isso, se não tem nada a ver contigo? Perdoa-me, Nha, mas é para tu aprenderes das experiências das outras moças sonhadoras que, munidas de liberdade passional, acabaram por viver encarceradas até à morte. Sei que o teu fim não será como o da Alinta, mas cuidado menina, que “*Muitas vezes o destino entrega nas mãos do Homem todos os materiais de felicidade, só para ver até que ponto com esses materiais ele pode tornar-se infeliz.*” - cito D. Marquis.

Depois do que passei, tenho a impressão de que tu, Nha, és

uma eterna narcisista. No lugar de amares os teus parceiros, amaste a ti própria. Para entenderes esse pensamento, imagina-te diante de um espelho. Da maneira como te costumavas apreciar, é da mesma maneira que gostarias que os outros te apreciassem. O teu amor não passa de atitudes. Procuraste sempre alguém para te amar. Mal me ausentei, tiveste o Borges para nele reflectires o teu narcisismo. Sentindo-se amada, procuraste corresponder-lhe, numa atitude de reciprocidade, mas ao fim e ao cabo, por gestos mecânicos e vazios, porque tu não amas o fulano.

Acredito na paixão. Ela existe e pode ser demonstrada. Se o amor é paixão, sim, também acredito nele, mas se é uma coisa qualquer para além da paixão, e que se reveste de outras cores, ainda tenho que aprender para o entender. A paixão é uma coisa que pode aparecer numa manhã e desaparecer depois de meio-dia. E nós, os Homens, orgulhosos que somos, confundimos paixão com amor, ou queremos perpetuar essa paixão de forma a não assistirmos a liberdade dos outros.

Como podes ver, Nha, guio-me por esses ideais, e é a partir desses pensamentos que entendo que tu tens a liberdade de viver as tuas paixões até às últimas consequências. E a paixão que sinto por ti ainda fornica-me as entranhas. A nossa separação foi e tem sido uma operação cruenta para mim. Deste-me demasiadamente de ti, e demasiadamente nos comunicamos a ponto de fundirmos as nossas individualidades. Se não me engano, a tua voz tomou as inflexões da minha, os meus nervos sofreram influência dos teus e os teus hábitos imprimiram-se nos meus. Ah, Nha, como ignorar toda essa realidade que, querendo ou não, se vai impondo em todos os instantes da nossa vivência!?

Amor, uma palavra ainda por ser definida. E lembras-te desse poema, Nha, que te dediquei aquando da nossa viagem à Swazilândia, quando eu estava zangado com as tuas atitudes infantis?

Se bebo ...(?)

Perguntam-me se bebo
sim, bebo
as minhas mágoas
os meus desgostos
os meus sofrimentos
E bebi
esse cálice
que o vendaval derrubou
essa caneca
que a Diana furou
esta jarra
que aguarda o re-enchimento

Se bebo?
Sim, bebo
o meu próprio pensamento
envenenado pelo tempo-Nha
a doidice dos amores
que me tornaram este ser
melancólico-salgado-apátrida-sonhador.

*

Mutarara da minha infância. Longe da Nha e perto de mim. Para a minha mãe, custa-lhe acreditar que a princesa de ontem tenha tido coragem suficiente e necessária de romper com a relação que já era conhecida pelos quatro ventos, e que já constava nos autos familiares. Custa-lhe acreditar que a preciosa de ontem se tenha tornado na coisa azeda de hoje. Quando ela avalia os acontecimentos que tornaram o seu filho um poeta sentimental-melancólico, e os põe na balança da vida, chega à conclusão que a Nha merece o meu desprezo, a minha indiferença.

Até hoje, por onde passo e já passara com Nha, em revista das marcas da minha mocidade, as pessoas que nos tinham como um

par exemplar perguntam-me pela minha cara metade. Não acreditam quando lhes respondo que a Nha do passado virou um poema que é declamado por outros curiosos.

O meu irmãozinho, na sua inocência de adolescente, pergunta-me:

“Mano, e o amor, depois de tudo isso, o que é? E o futuro, depois de tudo isso, o que significa? E a vida, depois de tudo isso, que sentido reservar-lhe para que em cada dia se plantem novas esperanças com a promessa de que venham a ser diferentes?”

Olho para ele. Custa-me acreditar que essas observações saiam da boca do meu puto, mas a verdade é que o passado é apenas uma linda-azeda história quando posta na balança afectiva dos acontecimentos de hoje. Por mais que o meu irmãozinho e os outros não consintam, eu e Nha somos apenas dois seres cheios de recordações e sonhos.

Pego no telefone e disco o seu número. É ela quem logo me atende. A partir da sua voz solitária e frases entrecortadas de silêncio, parece-me que ela estava à espera desta chamada. E da conversa, sinto dentro de mim duas sensações: de derrota e de orgulho, se bem que parecem existir duas vozes, dois pensamentos contraditórios. Telefonando equivale a uma derrota, uma entrega, uma confissão de que eu não aguento a ausência dela. Mas paralelo a esse pensamento, o meu gesto só denota a minha superioridade sobre todas as merdices que ela aprontou, e demonstra que ela não passa de uma criança que não merece o meu desprezo e meus ressentimentos. Enfim, as duas perspectivas de análise são-me válidas consoante as emoções de cada instante por viver. No fundo de mim, a dúvida persiste: se ainda a amo ou a detesto.

*

Todos os grandes amores, depois do fim, merecem um retiro-refúgio-consolo. Escolho Harare para ser o palco de reflexões, do meu retiro-descanso. Esta cidade, de hoje em diante, passa a simbo-

lizar tragédia e liberdade ao mesmo tempo. Piso a tecla filosófica de que o cabrito come onde está amarrado e volto a reviver a Cherly e outras que fizeram parte de mim, enquanto habitante temporário desta cidade. A minha imaginação fica dividida entre a Nha e o meu futuro passional.

As paixões. Podemos ser fiéis a uma ideia ou uma causa, mas o amor e as paixões podem, facilmente, destruir toda uma filosofia humana erguida com sacrifício e privações. Depois da derrota que tive com a Nha, tento erguer a Cherly. Mas esta está cheia de manias, dizendo que o nosso contrato afectivo não era para o futuro.

*

Ambassador Hotel. Enquanto estava no quarto a ler o livro do Mia Couto, 'Cada Homem é uma Raça', oiço o bater leve da porta. Abri-a. Estava lá uma moça linda, esguia, e mal me viu recuou dois, três passos. Olhei-a nos olhos. Estava estática, como quem havia sido descoberta a fazer qualquer coisa fora do comum. Conhecia-a de vista. Queria perguntá-la, mas no momento não me saiu nenhuma palavra da boca. E por uns sete minutos, ficamos mudos, a olharmo-nos, sei lá se era com gula, interrogação-dúvida ou admiração! Recuperou o seu estado de emoção e disse que pedia troco de dez dólares zimbabweanos em moedas, que era para telefonar para uma amiga de uma cabine pública. Em vez de trocar a sua nota, optei por lhe dar todo o meu mealheiro. Mostrou-se embaraçada em aceitar a oferta, dizendo que só queria troco do dinheiro que trazia consigo e não todas as moedas do mealheiro.

- Sei que és minha vizinha da porta ao lado. Não sei como é que te chamas, mas oiça: sou hóspede vindo de Moçambique, daqui a dois-três dias estarei de volta ao meu país. Esse dinheiro é troco de compras que andei a fazer. Pelo tempo que ainda tenciono ficar, ele não me servirá para nada.

- De onde é que és mesmo?

- Moçambique.

- Mentos! Disseram-me que eras jamaicano.
- Afinal, quando bateste à minha porta já sabias a quem irias encontrar?
- Por acaso não,.... sim.
- Sim ou não?
- Sim, sabia que encontraria a ti.

A conversa foi ganhando outros contornos, e pouco a pouco, a moça foi se revelando à luz do sol.

- Tens tempo para me ouvires?- perguntou-me.
- Sim, tenho.
- Podemos ir ao Bar para um papo?

*

Chamava-se Nicky, diminutivo de Nicole. Australiana de nacionalidade, ganense de nascimento, e por questões de ordem pessoal, considerava-se sul-africana. Filha de pai médico irlandês e mãe branca ganense, à procura de melhores condições, os pais decidiram mudar-se para a África do Sul, onde ela viria a crescer e conhecer o sabor dos primeiros passos da vida. Na verdade, África do Sul representava para a Nicky muito mais do que apenas uma terra onde viu, por exemplo, com os seus próprios olhos a beleza de uma montanha, a sinuosidade de um rio, e teve a consciência de muitas coisas da vida que mais tarde seriam marcantes para a sua formação de mulher. Cape Town era um lugar ideal para o exercício da profissão do pai, mas sendo uma família um pouco liberal, com os ideais de racismo postas na caixa do esquecimento, viram-se obrigados a retirar-se para um lugar distante – Austrália, e fizeram desta terra a sua pátria, seguindo o exemplo dos seus avós, tempos lá idos, fixando, assim, residência em Sydney. É que sendo eles brancos, os outros brancos não consentiam que eles não defendessem a política de segregação racial.

Nicky. Sem dúvidas, era uma mulher inteligente, extrovertida, tagarela e conhecedora de muitas coisas. Em resumo, ela era possuidora de um *background* cultural de grande admiração.

Recua tempos atrás e fala-me da sua vivência na África do Sul, o berço da sua juventude. Foi lá, segundo a sua confissão, onde admitiu que uma cobra percorresse a sua estrada genital e sugasse pela primeira vez o suco da sua maçã feminina. E por ironia de destino, essa cobra era preta. De lá para cá, interiorizou que a melhor cobra de todas as cobras do mundo era a preta.

Pensando que eu não estava a entender a sua metáfora, explicou-se: “A cobra preta de que me refiro é o homem *black*. Para mim, ele é o máximo, mas há coisas que eu detesto nele: o machismo excessivo. Quase todos os meus namorados foram *blacks*, devido a minha vivência com os mesmos. E coisa curiosa, não sei se é pelo meu feitio ou por eu ser branca, sempre saí a perder nos meus namoricos. Há quem diga que é por causa do meu ciúme excessivo, mas em parte, os homens nunca me levaram à sério, e para o cúmulo, os *blacks* que foram meus namorados tinham um defeito incorrigível: não conseguiam ter uma só pita. Agarravam-se muito à sua tradição poligâmica. Bem, embora eu tenha nascido num país africano, a minha cultura é monogâmica, e sempre foi-me difícil entender a promiscuidade dos meus parceiros.”

- Não acredito na monogamia pura, Nicky. A tal tua cultura de que te referes, em vez de praticar a poligamia, pratica outras formas que não fogem muito da poligamia, casos de amantismo, concubínismo, etc.

- Mas não é a mesma coisa.

- Claro que nunca há mesmas coisas, minha querida amiga. Enquanto que a poligamia africana é do consentimento de todos os parceiros pertencentes ao clube, a ‘poligamia’ ocidental é doutro jeito: as mulheres fingem que não sabem que os maridos têm outras parceiras, e estes fingem também que as esposas tenham outros parceiros sexuais. O africano protótipo, para evitar essas jogadas às

escuras, preferiu legalizar aquilo que é por todos praticado.

- Mas eu não posso aceitar compartilhar o meu homem com uma outra tipa!

*

Nicky, com a emoção viva de uma mulher emancipada, conta-me como é que começou o seu *ódio* ao homem *black*.

- Apaixonei-me por um namíbio na Austrália, que estava a fazer o seu PhD em Economia. O meu pai não viu com bons olhos a minha relação com o tal moço, mas depois de muita guerra, acabou por aceitar que eu namorasse com o Michael. Um dia apanhei o tipo em flagrante com uma outra pita. Quando lhe pedi satisfações, chapou-me com essa na cara: “Qual é a tua, pá? A tua família não me topa, e tu, embora grames de mim, toda a tua raça anda a foder o meu juízo, inventando que estou contigo por causa de dinheiro. Bem, já que os teus *fellows* não têm pena de me foder a torto e direito, eu agora decidi exercer o único poder que tenho, que é o sexual, fodendo também toda a tipa que for da tua raça. Tu és a minha preferida, mas deixa-me arrancar orgasmos a essas brancas manientas!”

Não acreditei que aquilo saísse da boca do Michael, o tipo que eu tanto adorava. A partir daquele instante em que ele não conseguiu esconder o seu ódio contra a gente da minha raça foi o fim do meu mundo de crenças e ao mesmo tempo o fim da fêmea em mim que adorava o homem *black*

Olhei-a de novo nos olhos radiantes e denunciadores de qualquer coisa que lhe ia na alma, imaginação, e quem sabe, no coração.

- Entendo a tua revolta, Nicky, mas como se diz em inglês – *never judge the book from the cover* – por isso, moça, não podes pôr todos os *blacks* no mesmo saco, a partir das acções de um tipo.

- Podes ter razão, Tchombe, mas comigo foi assim. E de lá para cá, nunca mais me meti com um da tua raça.

- Da maneira como a situação se apresenta, sinto-me limitado-proibido de recitar-te alguns versos passionais....

- Tu és diferente, Tchombe.

- E qual é a diferença, se pertenço à mesma raça do Michael e de tantos outros que só quiseram pousar os seus chicotes genitais na tua poma de branca e sugar o suco da tua maçã?

- Não sei explicar, mas o meu eu feminino diz-me que tu és um tipo legal.

- Uhhh...

- Conheço-te, Tchombe, faz um bom tempo. Vi-te pela primeira vez em Victoria Falls, em Bulawayo, quando estavas numa excursão com, suponho, teus amigos. Eras o mais brincalhão do grupo e foi nessa altura que me interessei doidamente por ti. E essa paixãoite aconteceu-me logo no primeiro dia em que te vi no hotel em que estavas hospedado, que era o mesmo em que eu estava. Na noitinha do mesmo dia, cruzei-me contigo no corredor. Fiquei a olhar para ti como uma criança muda, e tu, em vez de dizeres algo, reprimiste o teu sorriso. Dois dias depois procurei-te por todos os lados, que era para te dizer sei lá o quê, mas já lá não estavas. Tinhas voltado para Harare e depois para o teu país. Confessei a uma amiga minha, e esta desencorajou-me dizendo que tu eras um autêntico rabo de saias. Chorei, nem sei porquê. Dias depois, a mesma amiga deu-me o teu endereço electrónico. Mande-te um *e-mail* com um nome falso. A história que te contei de seres da Jamaica era uma maneira-forma de entabular um papo contigo. Esperei tanto tempo por esta oportunidade, e agora que te tenho perto de mim, não imaginas quão satisfeita estou! Talvez a emoção que sinto neste preciso momento seja superior a de uma relação sexual....

- Não exageres, Nicky.

- Podes ter a certeza do que te digo, Tchombe. Sabes que estremei quando abriste a porta? É porque não sabia como começar, e senti vergonha por causa do *e-mail* que te enviei, passam uns bons meses. Sei que não soubeste que era eu a remetente, mas por mim mesma, quando te vi de novo, senti-me descoberta.

- Afinal, és a tal Débora?

- Esquece isso, por favor.

- Gostei da tua confissão. Foi genuína e tocou-me muito.

- E acho que tu também tremelicaste quando me viste em frente da tua porta, ao sabor de uma corrente mágica qualquer!

- Foi impressionante a maneira como nos olhamos, e nesse instante pressenti que qualquer coisa iria acontecer entre nós. E lembras-te do jeito como me olhaste ontem quando nos cruzamos no elevador, tu a sair e eu a entrar?

- Sim, lembro-me. Senti um certo choque, uma certa sensação indescritível. Apetecia-me atirar-me nos teus braços..., mas seria loucura demais.

- E eu também. E agora, Nicky?

- O que queres que eu faça perante essa atracção recíproca, Tchombe? Rendo-me ao meu coração.

Reolhamo-nos como se nos pertencêssemos há muito tempo. E sem palavras, os gestos responsabilizaram-se pelo resto. Emocionados pelo presente, e enquanto o fogo e a água se conjugavam e se consubstanciavam, prometemo-nos mundos e fundos da eterna saudade.

Num instante, Nicky, nos seus delírios orgásmicos, elevou-me a uma outra raça, menos a minha própria, como se fosse da minha responsabilidade ter nascido *black*. E nesse instante, recordei-me da piada do meu amigo Oyeyemi: “o sexo é uma loucura imperdoável. O pénis tem todas as raças, todas as idades, todas as inteligências, e a vagina, todos os doutoramentos ...” e de facto, neste barco emocional, Nicky, com a cobra de Adão entre as suas coxas, esqueceu-se de que eu era dessa raça que ela detestava por força de circunstâncias. E recobrando a minha leitura ao livro do Mia Couto, chego à mesma conclusão de que cada Homem, aliás, Mulher, é uma raça, um mundo filosófico que encerra a sua própria lógica da vida.

- Adia a tua viagem, Tchombe, que ainda quero te conhecer!

- Nunca me hás-de conhecer, que nem eu próprio me conheço, Nicky. Diz que ainda queres saborear o leite da minha masculinidade... Mas a grande pergunta é: e onde ficarão as tuas convicções?

- A concomitância das nossas paixões destruiu tudo o que eu tinha por errado. Reaprendo que “*I will never judge the book from the cover*” e, por favor, fica comigo para todo o sempre!

- Não posso, Nicky. As lições que aprendi da Nha, da Gracillette e doutras mulheres foram tão azedas, que não me apetece voltar a ser escravo de algum amor. Quero ser a experiência da minha própria liberdade, o erro do meu próprio eu, ...

- Gracillette? Nunca me falaste dela.

*

Recordo-me da Gracillette. Trabalhava como recepcionista no Feathers Hotel. Tinha me deslocado para lá para fazer reserva de um quarto para um amigo que vinha do Malawi de passagem para África do Sul. Gracillette foi quem me atendeu. Enquanto ela falava, eu prestava atenção aos seus lábios, os movimentos do seu corpo, o brilhar dos seus olhos, a filosofia feminina do seu corpo. Confesso, senti-me atraído por ela. Pedi-lhe o seu número de telemóvel. Resistiu. Insisti. Cedeu, mas me deu número errado. Aliás, deu-me o número do seu marido, que era polícia. Sem ela se aperceber, e ainda diante dela, disquei o número. Uma voz masculina respondeu. Passei o celular para ela. Sem jeito, entabulou uma conversa com a tal voz masculina. Desligou. Olhou para mim e disse:

- És muito esperto. Venceste-me. É o número do meu marido. Queria que soubesses que eu era casada e que te justificasses ao meu marido como é que conseguiste o número e o meu nome. Mas agora venceste. O meu marido perguntou-me de quem era esse número que eu estava a utilizar. Menti dizendo que era de uma colega de serviço.

- Não esperava que fosse do teu marido, mas sim apenas um número falso para testares até que ponto estaria eu interessado por ti. Agora, a bola está do teu lado. Tens o meu número, e telefona-me quando achares conveniente.

- Na minha cultura é sempre o homem quem telefona pri-

meiro para a mulher.

- Quero ser um amigo muito especial para ti, por isso podes ser a primeira a telefonar e nessa altura trocamos as nossas impressões.

- Sou casada, meu senhor.

- Nos sentimentos não entram essas leis sociais de que és casada, ou tens cinco filhos.

- Achas-me com cara de ter cinco filhos?

- Até pode ser, mas quando falo de filhos é apenas um exemplo.

No fim do dia, enquanto bebia um copo com uns amigos, a Gracillette telefonou-me. Queria que, se eu estivesse sem alguma ocupação, fosse ao seu encontro. Aonde? Num sítio à minha escolha. Então, preferi que fosse ela a vir ao meu encontro, e para isso, pedi ao meu motorista que fosse buscá-la.

Veio toda radiante de felicidade pelo facto de eu ter mandado um motorista para a buscar. Não esperava um tratamento VIP e nem esperava que as minhas intenções para com ela fossem assim tão genuínas e sérias.

- Que queres tomar?

- Um *sprite*.

- Nada de *sprites*, que tenho uma proposta aliciante para ti.

E nessa altura, uma garrafa de champanhe era aberta, celebrando-se o nosso primeiro encontro.

- És sempre assim para com as tuas amigas?

- Depende das amigas. Quando me tocam o coração, sim, sou assim, oferecendo o que posso.

- Sei que gostas de mim, mas sou casada. Vim por consideração, que não quero perder a tua amizade. Outra coisa, és o primeiro homem *black* que me faz uma abordagem de género – estou curiosa e emocionada ao mesmo tempo, mas não sei o que fazer de mim perante esse dilema que se me coloca.

- Fala com o teu coração e segue a voz dele.

- Não posso. O meu coração diz que devo celebrar esta oportunidade que tenho de ter alguém que me admira, mas o meu pensamento não se cansa de me recordar que sou casada e que pertencemos a culturas diferentes.

- É por sermos diferentes que havemos de aprender muita coisa um do outro. Mas de uma coisa tens a certeza: a função de um pénis e de uma vagina é a mesma em todas as culturas e raças.

- És muito cru ao falar, meu bem.

Olhamo-nos com a intensidade de uma corrente eléctrica a percorrer as veias de uma mão molhada. Por um momento esqueceu-se de que era casada, e ali mesmo, em frente de muita gente, ousou levar os seus lábios aos meus, num frenesim sem nome nem descrição.

- Se quiseres, posso pedir folga amanhã para nos encontrarmos a sós.

- Aonde?

- Sítio à tua escolha.

- Posso levar-te para um hotel?

- Porque não me levas para a tua casa?

- Prefiro que seja num sítio neutro.

- Mas não te esqueças que trabalho num hotel e ...

- Okay, já sei onde poderemos ir. Mas antes de tudo, posso saber se terás outras aventuras extraconjugais, para além desta que estamos apostados em iniciar?

- Não, só tenho o meu marido. Desde que me casei, nunca pensei que fosse capaz de traí-lo ...

Gracillette. Todo o amor carrega consigo dúvidas e dúvidas existenciais. Todo o amor é alimentado por incompreensões, (in)decisões, que afinal, não passam de formas de conhecimento mútuo, que podem ajudar a construir ou destruir um projecto pensado, uma caminhada trilhada, uns sonhos erguidos nos archotes

do tempo. Agora que o sonho virou realidade, com a Gracillette a ser parte de mim, sinto um certo medo pela maneira louca de ela se entregar a mim, a ponto de se esquecer dos compromissos caseiros. Tenho medo de admitir que tenho medo dela, e o mais incrível é que tenho medo que venha a odiar-me caso eu me afaste desta relação que custou emoções e, acima de tudo, princípios morais e éticos do lado dela. Tenho medo que o marido venha a descobrir que ela está a ser infiel, e descobrindo isso, e sendo elemento das forças de segurança, venha a maltratar a minha-nossa deusinha. Tirando os medos, a única solução é fugir. Mas como e para onde fugir se ela já tem o mapa de todos os meus sítios de convívio!? Os meus medos voltam à baila. Medo de ela não entender da complexidade que nos rodeia, e ao mesmo tempo, medo de o marido agir mal, caso tenha certeza do que se está a passar-acontecer.

Gracillette não aceita deixar-me ou ser deixada. Argumenta que se entregou de corpo e alma a esta relação, e está disposta a sacrificar o seu casamento. Não consinto, mas não posso fazer nada perante uma decisão dessas.

- Quero que saibas que o meu marido não desconfia, mas sim, tem a certeza de que ando contigo.

- E o que ele pensa disso tudo?

- Está a ser duro para ele, mas não pode fazer nada.

- Como é assim?

- Estou apaixonadíssima por ti, Tchombe, mas ao mesmo tempo gosto muito do meu marido. Ele, para mim, é praticamente um pai. Estou num dilema, como o tive quando te vi pela primeira vez. E ele sabe que, nestes dias, estou fora de mim mesma. Nisso, o que ele tem feito é ajudar-me; e tenta, no máximo, evitar-me mais problemas, senão desapareço deste mundo.

- Quem vai desaparecer sou eu, desta cidade, por um tempo, que é uma forma de te procurares e acertares os teus eus: intrínseco e extrínseco.

- Não cometas esse erro, que hei-de enlouquecer. Até, bem vistas as coisas, eu quero que vocês os dois se conheçam e conversem sobre tudo isso que está a acontecer.

- Não me digas que tás maluca e precisas de um internamento!? Não brinques assim com as emoções passionais, tá!!

- Aceito tar maluca, mas é por tua causa, seu *black*, que colonizaste o meu coração. Nunca esperei ficar louca assim por um homem, e nem cornear o meu marido; mas olha agora para mim - estou mais que louca, fazendo exactamente aquilo que sempre detestei: ser objecto sexual de dois homens.

Já ouvi falar de amores tão possessivos como este, e que o fim deles, na sua maioria, é trágico. Agarro uma coragem e vou ao encontro do marido da Gracilette. Não preciso de me apresentar, que ele já me conhece. Sinto revoluções de medo na barriga, mas ele, numa atitude de conhecedor de problemas existenciais, acalma-me e elogia a minha ousadia de lhe procurar para uma conversa de homem para homem.

- Sei que és amante da minha esposa. Não tenho soluções mágicas para esse tipo de problemas. Da maneira como conheço minha esposa, meteu-se contigo é porque está mesmo apaixonada. Agora, em nome da nossa raça masculina, quero que não estragues o meu casamento. E a única solução que tens, meu caro desconhecido, é desapareceres deste país. Mas retenha uma coisa na tua mente: não dirás o teu paradeiro a ela e nem a mim. O resto será comigo.

- Nenhuma coisa de mal há-de acontecer com ela?

- Se não aconteceu contigo, muito menos acontecerá com ela. Eu podia matar-te, ou mandar expulsar-te deste país, mas não resolveria o problema. Matando-te, estaria também a matar uma parte dela, e sem dúvidas, Gracilette iria vingar-se, fugindo de mim ou suicidando-se.

- E será que o meu desaparecimento há-de servir para alguma coisa?

- Acho que sim. Há-de resolver uma parte do dilema passional dela.

Chamo a Gracilette para o sítio onde nos beijamos pela primei-

ra vez. Não lhe digo que me encontrei com o seu marido, e lhe informo da decisão de me ir embora, como se fosse da minha iniciativa.

- E eu?

- Prometo voltar, logo que puder.

- Não me mintas, senão hei-de percorrer o mundo inteiro à tua procura!

- Não precisarás, que hei-de voltar, para saborear de novo o meu sumo de ananás que está entre as tuas pernas.

- Seu malandro, hei-de sentir saudades das tuas loucuras.

- Eu hei-de sentir também falta dessa tua candura que te é peculiar; da loucura que tiveste em te expores sem medo à sociedade e ao teu marido; da coragem de me amares sem reticências. Ah, terei saudade de tudo o que fizemos e não fizemos ...

- Posso te oferecer uma coisa para te recordares de mim?

- Podes, desde que tenhas a certeza que não serão objectos que me farão recordar-me de ti, jóia. Tu tás *printado* na minha imaginação-pensamento-eu intrínseco.

- Mas mesmo assim, leva esta calcinha que presenciou o nosso primeiro acto amoroso.

- Tu és/tás mesmo louca.

- Tu foste meu professor, e eu como boa estudante, assimilei as tuas loucuras. O meu marido, embora te odeie, não te fará mal, pois apesar de tudo o que está acontecendo, ele respeita-te como o homem que ensinou a mulher dele a ser de facto mulher. Pode não admitir isso, mas da maneira como o conheço, tu foste também professor para ele, indirectamente, claro.

- Como assim?

- Como prometeste voltar, hei-de responder a tua pergunta nessa altura do nosso reencontro, e neste momento, por favor, não insista.

*

A cidade torna-se-me confusa. Enquanto sou obrigado a fugir da Gracillette, ainda penso na postura do seu marido e na minha

própria aquando da minha história com a Nha. Eu e o marido da Gracilette, segundo esta, não passamos de dois indivíduos complementares, no jeito peculiar de lidar com os problemas existêncio-sociais do dia-a-dia. Admiro-lhe. O tipo, no lugar de se vingar da sua esposa, foi muito mais ponderado e maduro; compreensivo e entendedor da problemática passional que fustiga os corações humanos. No lugar de bater-matar ou largar a esposa, N'gove defendeu-protegeu-e-perdoou-a, o que eu não fui capaz para com a minha Nha.

Sinto vergonha de ter feito o que fiz, a ponto de não ser capaz de perdoar os erros da Nha como se os mesmos me fossem estranhos e incompetíveis. Gracilette, numa outra dimensão de análise, não passa de uma representação da Nha. E eu, para o marido da Gracilette, não passo do Borges que usou o seu charme para conquistar a presa.

*

O telefone tilinta.

É a Nicky doutro lado dos fios falantes.

- Tchombe, não consigo perdoar-me por me ter apaixonado por ti. Será que ainda não te recompuseste a ponto de me aceitares como a tua escrava? Depois que me disseste que querias ser o teu próprio erro, a tua própria liberdade, fiquei horas e horas à procura do significado de amor e seus mistérios. Afinal, nem tu, nem eu, podemos sair à rua e procurá-lo no 'mercado' das aventuras passionais como se poderia procurar um tipo de camisa na moda ou uma pasta de cabedal de fabrico italiano. Amo-te. E este amor é resultado de uma relação íntima com a vida, com os sonhos. No fim de uma profunda reflexão interior, cheguei à conclusão de que tu és o meu objecto ideal para o amor, para amar. Identifico-me contigo, Tchombe, em muitas coisas indizíveis.

Uma confissão nua-crua-e-bela. Albert Camus, o escritor franco-argelino, tinha razão quando escreveu que “um sentimento

forte traz consigo um universo próprio, seja ele magnífico ou miserável.” E a magnificência dessa confissão da Nicky desperta em mim a capacidade de amar de novo, a vontade de voltar a ser escravo de um amor que me tenha como um Deus, um fim, uma razão de existência. Imagino a dor, a depressão e a sensação de vazio que a Nicky viveu depois que se sentiu recusada por mim.

Depois da Nha entreguei-me às aventuras à procura de uma mulher que devia existir algures para sarar a intensa ferida emocional que havia sofrido. De todas, reconheço: a Nicky é a boneca da minha mente que coincide exactamente com a mulher do mundo exterior, essa criatura que não se importou de dar voz ao mundo de emoções e exprimiu-cantou a sua paixão sem barreiras algumas. Nicky é a minha fé, o meu objecto de amor.

Pego no telefone e disco para ela.

- Queria testar até que ponto eu poderia suportar a minha própria solidão, mas não posso viver continuamente no mundo de fantasias corroidoras, enquanto tenho uma mulher para amar e ser amado. E de hoje em diante, proclamo-te a deusa-feiticeira de todas as deusas-feiticeiras. Vem, Nicky, para hastearmos juntos a nossa bandeira de amor.

- E quais são as cores que escolheste?

- Cores de esperança, poesia e pitadas de loucura.

E lá estava a minha face e meus sonhos reflectidos na-nos da Nicky.

Mal desligo o telefone, há um tilintar insistente. Pensando que é a Nicky que se esquecera de me dizer qualquer coisa, quem está doutro lado dos fios telefónicos é a voz da Nha.

- Sei que optaste pela Nicky e não te condeno pela decisão. Sempre que me quiseres, estarei a tua disposição. Não me sentirei realizada sem que, tempos a tempos, venhas penetrar-me do jeito que só tu sabes fazer. Dizendo a verdade, sou mais tua do que do Borges, embora reconheça que tu já não és meu por inteiro. Prometo que respeitarei a Nicky, mas quero-me tua amante, Tchombe. Entras na

minha loucura que, afinal, é a nossa loucura?

- Tenho a Nicky e tens o Borges. Não planifiquemos nada, que o tempo encarregar-se-á de tudo. Se algo tiver que acontecer, e se o destino for esse, teremos que nos render às evidências mas, por momento, peço-te, Nha, que me ajudes a ser apenas de uma e só uma: a NICKY. Mas há perguntas que me ficam na garganta: de que nos vale, Nha, sermos amantes se não conseguimos preservar a ilha passional que tentamos construir? De que vale querer voltar a ser parte de um sonho que tu própria traíste? Traíste o sonho, traíste a minha amizade e ao mesmo tempo a minha capacidade de voltar a conjugar-te, seja em que verbo passional for. Fomos parte um do outro; figuramos nas enciclopédias amorosas deste mundo e fomos ponto de referência de e para muitos pares. Enquanto vivíamos o nosso amor, não sabíamos o valor da solidão, da perda de um-uma parceira. Veio o fim. Um fim que me deixou um animal sem capacidade de amar. Eu devia saber que o amor não era uma certeza, que se fosse, não haveriam promessas, angústias, dores e mais. Mas movido pela pureza dos meus sentimentos em relação a ti, levei-te como certeza, o que foi o meu erro fatal. Amor. Palavra linda e bela. Sentimento sublime e mágico. De que vale, Nha, criar um *website* especial para um amor que se quer passado?! De que valem estas recordações que não nos ajudam a sarar as feridas passionais que o Tempo insite em reconhecer como dados por registar?! O mais importante, Nha, é que sobrevivi, e cá estou. Aprendi do nosso amor que as certezas são um jogo puramente pensamental. Mais tarde, com a ajuda dos meus professores de Filosofia, eu soube que não se devem construir palácios duradoiros de amor e no amor. O amor pode desgastar-se e tornar-se estranho aos próprios sujeitos do amor. Ao traíres-me, Nha, isso significava que o teu amor em relação a mim estava enferrujado, saturado, desgastado. Querias um escape. E escapaste na primeira oportunidade que tiveste. E na tua cabeça, ao praticares a 'infidelidade' querias ver se eu era capaz de suportar a dor, a perda. Suportei-a, a muito custo, reconheço, mas suportei. Ergui-me dos escombros e gritei bem alto para não matar a parte

sentimental do meu eu intrínseco. Agora que sou a prova da minha resistência de sofrimento, não vou consentir voltar para ti, Nha, tu que não te importaste pelas consequências de um abandono. Não enlouqueci é porque eu era mais forte que o próprio amor que nos ligava; mais rebelde que as leis passionais que comandam os pares amorosos. Depois que me traíste, perguntei-me: exigir fidelidade à pessoa que se ama, não seria, em parte, apunhalar a sua felicidade? Não seria fechar ou aprisionar o eu de outros? E por que é que as pessoas cometem pecados se sabem de antemão que serão julgados a bem ou a mal? A resposta a essas e outras perguntas foi o consentir em dar-te a liberdade. Mas consentir não significa que eu volte a nadar nas mesmas águas do rio que bem conheço. Voltar a ser parte do passado no presente, implica a morte do pudor, da vaidade, do orgulho e da própria essência de traição. Não se trai para se redimir dos pecados, mas trai-se para experimentar novos voos e para a purificação da própria essência do ser humano. Perguntar-me-ias se nunca te trai. Fí-lo muitas vezes quando pude, e tu bem sabes disso. Fí-lo para o meu próprio bem. E ao fazer o que fiz, sempre carreguei comigo a noção de consequências de uma traição. Assumi-as. Faz o mesmo, assumindo a tua. Depois de tudo o que fomos, apenas podemos ser a nossa própria imaginação, mas sem esse amor físico que me tornou este poeta sentimentalista. Não direi que nunca hei-de trair a Nicky, mas neste momento quero traí-la com ela própria.

Enquanto entabulo a conversa com a Nha, vejo e sinto a presença da Nicky. Essa realidade faz com que eu, definitivamente, faça da Nicky o meu depositário passio-amoroso. A Nicky representa todas as moças que um dia viram-se distinguidas pelo meu eu poético-social. A Nicky é a substituta, por excelência, da Nha. Sempre pensei que a Nha era o resumo, mas enganei-me. Depois que conheci a Nicky, não sei se vale a pena erguer cada mulher pela qual se apaixona como se fosse a essência de todas as outras. A partir da Nicky, apenas digo: o amor em si é uma traição, e todo o acto amoroso passional é composto por mais de duas pessoas. A classificação de que este amor é mais-mais carrega consigo a noção de avaliação dos e das que já

nadaram no coração do sujeito do amor-paixão.

- Sei que já gostaste doidamente de mim e de outras minhas rivais, mas a Nicky parece ser tão especial para ti, Tchombe, a ponto de fazer com que não exista mais ninguém na tua vida passional. Devia odiá-la, mas de que me vale alimentar esse sentimento, se ela não é culpada de nada pelo fim do nosso romance!

- Sejamos amigos, Nha, que ganharás mais com isso que sermos amantes. E tenho que te agradecer, Nha, que foi graças a ti que conheci a Nicky. Se não fosse a loucura que imprimiste à tua liberdade, ainda estaria preso ao meu-nosso passado, e Nicky seria apenas uma felina por admirar ou amizadar-se com ela.

- Acho que deve estar escrito algures que eu te teria como meu, mas não coabitando o mesmo tecto.

- A aceitar-se essa lógica, que nada se planifique. Deixemos o tempo ditar-nos o futuro das nossas sortes. Quem sabe, talvez a Nicky seja apenas um teste de um grande amor ainda por descobrir e viver! E quem sabe, Nha, se tu não serás esse amor nascituro!

- Tu e os teus sonhos. O que seria de ti sem os sonhos?

- Um homem despedido da vida.

Harare e Maputo, 17 de Maio a 4 de Junho de 1995

Revisto em Jakarta, Indonésia, no ano 2000 e

Addis Ababa, Novembro de 2001 a Fevereiro de 2002

POSFÁCIO

Poucos autores têm a coragem de tratar o amor de maneira tão concreta e despida de preconceitos, tal como Florentino Dick Kassotche o faz neste livro. Poucos têm a mesma coragem de derrubar os tabús e penetrar nos meandros mais profundos da natureza humana, passar por cima do moral e socialmente correcto, para que a obra literária se exprima em toda a sua plenitude.

Em “O INVENTÁRIO PASSIONAL” o amor, especialmente o amor, ganha uma dimensão invulgar, que é sistematicamente renovada ao longo do texto. Circunscreve-se nos limites da realidade, mas vem carregada de elementos emotivos que a grande maioria das pessoas prefere rejeitar, negligenciar ou evitar. O amor surge aqui com todos os seus medos, riscos, complexos, dores e prazeres. Sugere cargas emotivas complexas e estranhamente revigorantes.

A relação entre duas pessoas é assumida, neste livro, como uma invenção de hipóteses e sonhos. Todas as possibilidades são equacionadas e igualmente aceites. E essa aceção de relações sentimentais está bem patente no Triângulo Nhambringe/Tchombe/Dora ou numa outra vertente, a relação Nhambringe/Tchombe/Nicky que denuncia as entrincadas cumplicidades e complexidades do amor. O amor no seu estado mais bruto e natural: uma mistura de paixão, traição, ódio, revolta, cobardia e o próprio ardor do sexo.

Dick cria, assim, um retrato novo, não só do amor, mas também da própria literatura. Diferente, porque ultrapassa as percepções e convicções comuns. Coloca o amor no centro da vivência humana, se não propriamente como o motor, como uma peça imprescindível e de fundamental importância. Acaba ainda por conferir à literatura a capacidade de se comunicar, não apenas para sugerir mas também e, essencialmente, para provocar emoções.

Dick conta uma história comum que se poderia passar com qualquer um, em qualquer lugar, em qualquer momento, com a particularidade de ir aos pormenores inconfessáveis e indecifráveis da existência humana. Mais surpreendente ainda, o autor coloca-se no

centro dos acontecimentos e faz um relato em directo e em simultâneo do que se passa à sua volta e do que se passa no seu interior. Assume-se um narrador onisciente, munido de sentimentos, que ama, chora, tropeça e levanta-se. Que se embrulha no enredo e se chafurda nele.

Muito se poderia dizer sobre a dimensão e alcance do próprio narrador e do seu estilo. Um narrador que umas vezes coloca dúvidas sobre as razões da existência humana: “Será que as pessoas vieram ao mundo para se lincharem umas às outras?” E outras vezes assume-se desorientado e deslumbrado pelo fervor dos conceitos passionais: “há muito que desprezo a palavra amor. Há muito que desconfio dos meus próprios sentimentos”.

Em “O INVENTÁRIO PASSIONAL” Florentino Dick Kassotche busca as agruras do seu mundo interior, reflectindo-as nas ocorrências do seu mundo exterior. Ao procurá-las sistematizar e armar-las nas teias do seu enredo, resulta numa sequência caprichosa, donde veio, provavelmente, a ideia de lhe chamar “INVENTÁRIO”. No caso específico, “PASSIONAL”.

A linguagem utilizada é simples e comum, o que torna o acto de leitura muito natural, espontâneo, cativante e facilmente compreensível. As expressões combinam naturalmente com o contexto, o lugar, bem como as relações específicas das personagens em diálogo, incluindo o próprio autor que escreve em discurso directo, e toma para si o papel principal.

A peculiaridade do estilo narrativo também se exprime pela maneira provocante com que define as pessoas e as coisas. Por detrás de uma aparente isenção e neutralidade das expressões utilizadas, o autor esconde mensagens subtis que se misturam na emoção do contexto.

Contrariamente à generalidade de obras literárias, escasseiam neste livro palavras ou frases neutras. Todas as partículas do livro arrastam consigo um significado e uma significância. Cada expressão procura superar-se na busca de novas formas de comunicação. Quando o autor afirma, por exemplo, “Confesso que ainda amo

esta filha-da-liberdade”, parece, à primeira vista, que se trata de uma expressão neutra. Na realidade, o termo expõe uma multitude de conceitos e preconceitos. O autor acaba, assim, por ser tolhido por uma sensação de surpresa. No caso específico, uma mera confissão de amor era suposta estar despida e isenta de trepidações. Teria um vector emocional muito rectilíneo. Todavia, o termo “filha-da-liberdade” é uma subversão do padrão da mulher ideal e recomendável para uma relação amorosa. Logo, há uma sugestão de conjugação de dois sentimentos contraditórios, por um lado, o do amor inconcebível e proibido, porque despido dos elementos sociais essenciais para a sua sustentabilidade, e por outro, o do amor inevitável e cúmplice, porque inspirado pela liberdade natural e divina da condição feminina e humana.

Há, assim, neste livro muitas razões para o ler, por aquilo que ele representa no contexto da novíssima literatura moçambicana; por aquilo que ele exprime em forma de valores e emoções e; por aquilo que ele comporta em termos de novas formas de abordar a literatura e fazer frente a temas delicados como o amor.

Hélder Muteia

§

Índice

Prefácio	11
Agradecimentos.....	15
Nota de Autor	17
Um.....	19
Dois	26
Três	46
Quatro	52
Cinco	59
Seis.....	67
Sete	79
Postfácio.....	101



CONTO

- Convidava Esta Gente para Jantar?* – André Coelho,
André Dominguez, Carla Afonso, João Gomes,
Rui Almeida, Sofia Cruz
Dinastias – Mafalda Borges
Teresa e Outras Histórias – Isabel Bruma
Histórias de Amanhecer – Artur Guilherme Carvalho
A Dança dos Ergues – João Salgado
Hilário: Crónica de Uma Possidonite
Intelectual – Sofia Lameiras
Gato Pedra – Maria de São Pedro
Gita e Outros Contos – Marta Santos
Outros Contos – Teresa Neves
Rastilho – Teresa Garcia Marques
Contos Assimétricos – Alma
Cinco Nove Oito – tiago naTal
Fantásticos Sarcásticos e Quase Humorísticos – Maria
Teresa Huertas
Um Olhar através da Vidraça – Maria João Arruela
O Jardim da Casa – Alice Sarabando
Pedro e a Pedra – *Histórias para Lavar a Alma* – Thomas Bakk
Mar Nosso – Ribeiro Maçarico
Abel – Ribeiro Maçarico
Sem Imaginação – Marta Oliveira
Viagens Submersas – Rui Sousa
- As Duas Faces da Moeda* – António Sá Gué
Um Presente de Vidas a Crescer – Adelina Andrês
Clara Toma Chá Com a Consciência – Rosa Guedes
Elogio do Amor Negado – Paulo Lourenço
Contos e Olhares – Alda Gonzaga
O Conto Interrompido – Virgílio Machado
Um Presente Inesquecível – Maria Antónia Jardim
7 Contos para 7 Paixões – Fernando Pereira
O Outro Lado – Paulo Marinho
A Dama de Algodão – Sofia Rodrigues Gabriel
O Triângulo de Dezembro e Outras Ficções – Norberto Silva
Manteiga de Cacau – Isabel Pires de Carvalho
O Ocidente e o Luxo das Arábias – Zina Abreu
A Porta Estreita – Isabel Gouveia
O Deserto e Outros Contos – Artur Pinto
Retratos sem Máquina – António Cardal
Lapsos de Tempo – Paulo Cunha
Libertei-me por Amor – Zeca Soares
Contornos – Fátima Nascimento Dias
Ninguém Acredita – José Archer de Carvalho
Nas Asas da Borboleta – Maria da Conceição Almeida

